

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / LINGÜÍSTICA**

Marcos Antonio Rocha Baltar

**SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DO BANIWA
DO IÇANA-HOHODENE
LÍNGUA ARUAK DO NORTE - RIO NEGRO**

Orientador: Prof. Dr. Jean Pierre Angenot

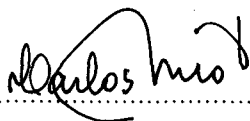
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras-linguística, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras - área de concentração: Linguística Teórica

Florianópolis, dezembro de 1995

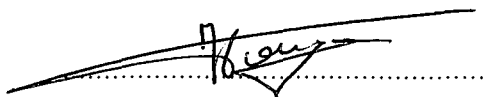
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de

MESTRE EM LETRAS

Área de concentração: Linguística Teórica
Área de pesquisa: Línguas Indígenas

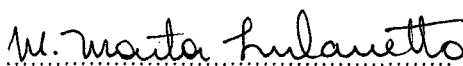


Prof. Dr. Carlos Miotto
Coordenador do curso de
Pós-Graduação em Linguística



Prof. Dr. Jean Pierre Angenot
Orientador

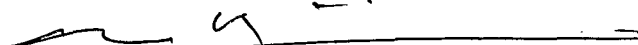
Apresentada à Banca Examinadora:



Profª. Dra. Maria Marta Furlanetto
Preseidente



Profª. Dra. Iara Maria Teles



Prof. Dr. Valdir Vegini

AGRADECIMENTOS

Aos informantes Hohodene Afonso, Albino , João, Lauriano e Camilo, e todos os Baniwa que indiretamente colaboraram para que eu pudesse entender um pouco sua língua.

Ao Prof. Dr. Jean Pierre Angenot pelo estímulo e dedicação na orientação de meu trabalho.

À Prof. Dra. Alexandra Aikhenvald pelo impulso e orientação inicial.

Aos familiares, amigos e colegas que acompanharam esta jornada de trabalhos.

À Tatiana pela cooperação e paciência durante estes três anos.

À CAPES por ter subsidiado este trabalho através da bolsa de mestrado.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado é um estudo sobre as principais características do Sistema de Classificação da Língua Baniwa do Içana-Hohodene(família Aruak) , suas classes nominais e seus classificadores. Mostra o tipos de classificadores que ocorrem em Baniwa, bem como suas propriedades tanto flexionais quanto derivacionais. Apresenta as classes nominais com sua função de concordância. Apresenta um quadro do inventário dos classificadores e das classes nominais e chama a atenção para o fato de o sistema de classificação da língua ser bastante flexível e motivado semanticamente, o que permite várias possibilidades de reclassificação de alguns nomes, de acordo com o aspecto semântico do referente que o falante quer ressaltar, ou de acordo com a semântica de um modificador.

RESUMÉ

Cette dissertation consiste à présenter les caractéristiques principales du système de classification de la langue Baniwa do Içana-Hohodene, appartenant à la famille linguistique Aruak, tels que ses classes nominales et ses classificateurs. Elle présente les types de classificateurs existant dans cette langue, et leurs propriétés de flexion et de dérivation. Elle décrit les classes nominales avec leurs fonctions de concordance et établit l'inventaire des classificateurs et des classes nominales du Baniwa en attirant l'attention sur le fait que le système est tellement flexible et motivé sémantiquement qu'il peut reclassifier certains noms, selon l'aspect sémantique du référent que le parlant veut remarquer dans le discours, ou selon la sémantique d'un modificateur.

Lista de Abreviaturas

AN-	Animado
Clf-	Classificador
Cls-	Classe nominal
COL-	Coletivo
CURV-	Curvilinear
DECL-	Declarativo
DEM-	Demonstrativo
DIR-	Direcional
ENF-	Enfático
f-	Feminino
FUT-	Futuro
GEN-	Genérico
imp-	Impessoal
ind-	Indefinido
INT-	Interrogativo
LOC-	Locativo
NEG-	Negativo
nf-	Ñ feminino
ps-	Pessoa
PART-	Partícula
PAS-	Passado
PASS-	Passivo
PL-	Plural
POSS-	Possessivo
PROP-	Proposital
REL-	Relativo
sg-	Singular
VERT-	Vertical
vs-	Versus

SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DO BANIWA DO IÇANA
HOHODENE
LÍNGUA ARUAK DO RIO NEGRO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
Capítulo I - Aspectos Gerais.....	04
1.1- Dados sobre a Família Lingüística Aruak.....	04
1.2- Denominação da Família Lingüística -Aruak-Arawak-Maipure.....	05
1.3- Classificação das Línguas Aruak.....	06
1.3.1- Primeiras Classificações.....	06
1.3.2- Classificações Modernas.....	16
1.4- Dados sobre o Baniwa do Içana.....	26
Capítulo II - Revisão da Literatura.....	32
2.1- Classe Nominal.....	32
2.2- Sistema de Classificadores.....	37
2.2.1- Tipos de Classificadores.....	39
Capítulo III - Metodologia.....	44
3.1- A pesquisa.....	44
3.2- Os informantes e a coleta de dados.....	45
3.3- Material.....	46

Capítulo IV - Sistema de Classificação do Baniwa do Içana-Hohodene.....	47
4.1- Classes Nominais e Classificadores-Generalizações.....	47
4.2- Classes Nominais e Classificadores- Características.....	48
4.3- Classes Nominais do Baniwa.....	49
4.4- Classificadores do Baniwa.....	52
4.5- Marcadores de Referência Cruzada.....	58
4.6- Concordância de Gênero em Construções Nome-Núcleo/Modificador.....	60
4.7- Marcadores de Gênero em Derivação.....	61
4.8- Reclassificação e Semântica dos Classificadores.....	62
4.9- Inventário das Classes Nominais e Classificadores do Baniwa.....	66
Capítulo V - Conclusão.....	76
5.1- Considerações Finais.....	76
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	78

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sobre a Classificação Nominal em Baniwa do Içana surgiu, em princípio, vinculada ao projeto integrado de pesquisa Classificação e Reconstrução da Família Linguística Aruak, do extinto NUPELA, Núcleo de pesquisa em Línguas Ameríndias, coordenado pelos professores doutores Jean-Pierre Angenot e Alexandra Aikhenvald na Universidade Federal de Santa Catarina.

Conforme Rodrigues (1991), o conhecimento das línguas indígenas é de grande importância tanto para a Ciência da Linguagem, quanto para outras Ciências. Existem cerca de 170 línguas indígenas faladas no Brasil, de grande diversidade genética, que até então foram muito pouco estudadas. Espera-se que o desenvolvimento de estudos nesta áreas apresente resultados que venham acrescentar novos dados à Teoria Linguística. Alguns fenômenos fonológicos (organização dos sons), morfossintáticos (formalização do pensamento e das situações de comunicação) foram constatados a partir de trabalhos já realizados sobre essas línguas.

Os estudos sobre Classificação Nominal há algum tempo vêm chamando a atenção de lingüistas que trabalham na perspectiva da Teoria Tipológica Funcional. (Aikhenvald 1993, no prelo), (Allan, 1977), (Craig 1986a), (Dixon, 1982). Estes trabalhos têm fornecido subsídios para uma melhor compreensão do fenômeno da categorização humana por meio da linguagem. Estudando o *sistema de classificação nominal* de uma língua pode-se entender como as sociedades indígenas organizam seu mundo e se expressam culturalmente, além de proporcionar um importante ponto de partida para elaboração de uma gramática, já que a maioria destas línguas foram muito pouco descritas. O trabalho a seguir mostra aspectos da classificação nominal - classes de concordância e classificadores da língua Baniwa do Içana-Hohodene. Apresenta uma proposta do que seria o sistema de classificadores, tecendo alguns comentários a partir das análises dos dados coletados em pesquisa de campo em janeiro/fevereiro de 1994. Entretanto, não se trata de um trabalho exaustivo, uma vez que haveria necessidade de um retorno a campo para coletar novos dados e confirmar as hipóteses sobre o sistema aqui descrito. Infelizmente, não houve

possibilidade de retorno, em virtude do projeto de Classificação e Reconstrução das Línguas Aruak ter sucumbido no momento em que os pesquisadores responsáveis se desligaram ou entraram em processo de desligamento da UFSC. O auto-financiamento da pesquisa de campo não foi viável até o momento, mas espera-se dar continuidade a este trabalho no futuro.

A pesquisa está organizada nos seguintes capítulos:

Capítulo I: O tópico 1.1 traz algumas informações relativas à história da família linguística Aruak, primeiros estudos, estruturação interna da família, línguas que a compõe; o tópico 1.2 apresenta informações sobre o Complexo Baniwa/Kurripako, tais como sua divisão em subgrupos, línguas ou dialetos, número de falantes e região onde a língua é falada.

O capítulo II procura esclarecer algumas questões que envolvem tipos de classificação nominal nas línguas do mundo, tentando mostrar algumas diferenças entre línguas que possuem classe nominal e as que possuem classificadores; tipos de classes e de classificadores de ocorrência mais frequente nas línguas do mundo, inclusive nas línguas da Amazônia.

O capítulo III conta um pouco como se deu a pesquisa de campo, o trabalho com os informantes e o material utilizado.

O capítulo IV discorre exclusivamente sobre a classificação nominal em Baniwa do Içana-Hohodene, suas classes e seus classificadores, apresenta exemplos, propõe um inventário das classes nominais e dos classificadores, bem como mostra o sistema de oposição semântica das classes nominais, mostra as funções dos classificadores, tais como dêitica/anafórica, suas características tanto flexionais quanto derivacionais na formação de novos lexemas, possibilidades de reclassificação.

O quinto e último capítulo apresenta uma síntese das principais características do sistema de classificação do Baniwa, bem como, tece alguns comentários sobre a validade deste tipo de trabalho, que mesmo enfrentando as condições mais adversas procurou ser o mais fiel possível no que diz respeito à descrição de uma língua indígena brasileira pouco conhecida e pouco documentada.

Capítulo I - Aspectos Gerais

1.1 *Dados sobre a Família Linguística Aruak*

Costuma-se chamar Aruak, Arawak ou ainda Maipure, a mais extensa família linguística da América do Sul e da América Central. O primeiro contato com falantes dessa família linguística foi estabelecido ainda no final do século XV. É sabido que Colombo ao chegar às costas americanas travou contato com nativos denominados Taino, que falavam a língua Taino, considerada língua Aruak extinta. Apesar de não se saber ao certo onde Colombo aportou, supõe-se que teria sido numa ilha denominada Hispaniola, que dividida atualmente corresponderia ao Haiti e República Dominicana. Os Tainos estendiam-se além do Haiti e República Dominicana, pela Jamaica, Cuba e Porto Rico. Devido a processos emigratórios o povo Aruak pode ser encontrado atualmente desde a América Central até a cabeceira do rio Paraguai, na América do Sul. Segundo Rodrigues,(1986) :

As línguas da família Aruak se encontram na ampla região guianesa, intercaladas entre as línguas da família Karib, e daí se estendem para oeste, até as cabeceiras dos afluentes esquerdos do rio Orinoco, e para sudoeste, onde se encontram no rio Negro e nos seus afluentes mais setentrionais, especialmente no Içana. Mais ao sul e mais a oeste acham-se línguas aparentadas entre o Japurá e o Solimões e, ainda, ao sul deste último, em seus afluentes como o Purus e o Juruá, ou em afluentes do Marañón, no Peru, como o Ucaiáli. Outras línguas da família Aruak se acham mais ao sul, por um lado no nordeste amazônico da Bolívia; por outro lado, no oeste de Mato Grosso e no Brasil Central, no alto Xingu. A língua desta família falada mais ao sul é o Terêna, a leste do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul.

A seguir é interessante esclarecer alguns aspectos relevantes para uma melhor compreensão da estrutura interna da família lingüística Aruak.

1.2- *Denominação da Família Lingüística-ARUAK-ARAWAK ou MAIPURE*

É possível encontrar-se na literatura sobre línguas ameríndias do sul as denominações Aruak, Arawak ou Maipure para a mesma família provocando , às vezes , confusões. Ora, essa questão vem de longe. Em 1782 o padre Salvatore Gilij efetuou um estudo comparativo sobre uma língua hoje já extinta chamada Maipure, falada na Venezuela e uma língua de nome Mojo, falada na Bolívia. V. Aikhenvald, (1991). O padre Gilij estabeleceu parentesco genético entre essas duas línguas e considerou a língua Maipure como “lengua matriz”.

Pouco mais de um século depois, em 1892, Daniel Brinton estabeleceu parentesco genético entre as línguas denominadas por Gilij de Maipure e outras línguas do Caribe, inclusive a língua Lokono-Aruak e a língua Taino, consideradas por ele como línguas Aruak das grandes Antilhas. Assim, Brinton estabeleceu um agrupamento maior do que o anterior de Gilij e deu o nome de Aruak, levando em consideração a língua de mais “status” na região caribenha: Lokono-Aruak.

Mais tarde, Greenberg (1956-1987), propôs o nome de Tronco Aruak a um agrupamento de línguas que teriam relação genética com as línguas Aruak, tais como as famílias linguísticas Chapacurra, Arawa, Harakbut (Harakmbet), Uro-Chipaya-Puquina, considerando-as como uma macrofamília Andino-Equatorial. Entretanto, segundo Aikhenvald, (1991) suas postulações estavam embasadas em trabalhos anteriores de pouca confiabilidade, como por exemplo Ehrenreich (1987) Rivet & Tastevin (1938-40). Além disso, conforme Payne (1991), um comparativista mais cauteloso não iria adiante da postulação de um parentesco genético no nível de família linguística Aruak-Maipure, tendo em vista a precariedade dos dados aos quais Greenberg se ateu para propor um agrupamento em nível de tronco Aruak.

Apesar dos problemas de aceitação das postulações em termos de hipótese de parentesco genético mais distante, é necessário esclarecer, que segundo a tradição linguística norte-americana (V. Kaufman, 1990. Payne, 1991) é consensual atribuir o nome Aruak ao hipotético tronco linguístico e considerar a proposição de Greenberg de Macro-Aruak, Macro-Tucano, Tupi-Cariri e Andino, como unidades genéticas mais altas e por conseguinte mais hipotéticas ainda. Deste modo, quando trata-se da família linguística, que em princípio não apresenta dúvidas, emprega-se o termo Maipure. Entretanto, alguns linguistas norte-americanos como David Payne, fazem concessões ao tratar da família linguística Maipure, colocando ao lado a denominação “Arawakan”.

Quanto à tradição brasileira, o nome mais aceito para essa família linguística é ARUAK, conforme Mattoso Câmara (1977), Rodrigues (1970, 1986, 1992), Seki (1991), Aikhenvald (1991), Angenot, França, & Martins (1992). Sendo assim, neste trabalho empregaremos o nome Aruak.

1.3- *Classificação Das Línguas Aruak*

Dividiremos os trabalhos de tentativa de classificar as línguas Aruak em duas fases: primeiras classificações, ou seja, anterior ou até os anos 50 deste século e classificações modernas, isto é, posterior aos anos 50 deste século:

1.3.1- *Primeiras classificações*

Uma classificação que deve ser mencionada é a proposta por Karl von Martius (1867) denominada de Guck ou Coco. Tratava-se de uma tentativa de agrupar as línguas indígenas brasileiras que não fossem de origem Tupi ou Jê a partir do termo de parentesco em comum, a saber o nome que designava “tio materno” e o aspecto fonético koko ou kuko. Esse agrupamento incluía a grande maioria das línguas Aruak (cf. o termo Kuhko - tio materno-irmão da mãe - da reconstrução de Payne, 1991), porém abarcava

algumas línguas de outras famílias linguísticas como é o caso de Koko - irmão da mãe em Paumari - língua da família Arawa. Essa teoria foi suplantada em 1886 por Steinen, que propôs como critério para o agrupamento de línguas da família Aruak os prefixos possessivos (nu- e ta-) para primeira pessoa e (pi-) para segunda pessoa. Assim ficou estabelecido a divisão das línguas Aruak em Nu-Aruak e Ta-Aruak, que funciona até hoje, observando-se que as línguas Ta-Aruak formam um subgrupo das línguas Aruak do Norte e o resto das línguas da família são consideradas Nu-Aruak. Outra contribuição importante de Karl von Steinen foi a descoberta das línguas Aruak faladas do Alto Xingu.

Muitas outras línguas foram documentadas e reconhecidas como Aruak em virtude do trabalho de pesquisadores, sobretudo de origem européia, que concentraram seus estudos na América do Sul e principalmente na Amazônia, no final do século passado. Chaffanion, 1886, por exemplo, elaborou listas de palavras para várias línguas da região do Orinoco (sul da Venezuela / noroeste do Brasil), entre elas a língua Baniwa, Piapoko, Baré. Wallace (1853) forneceu dados valiosos sobre línguas Aruak do norte, principalmente sobre Baré. L. Adam & Leclerc (1880), apresentaram listas de palavras das línguas preandinas/ Campa, (1890) e Island Carib, (1906). V. Aikhenvald, (1991), França, (1993). Algumas frases e listas lexicais das línguas Aruak do Norte foram coletados por Theodor-koch Grunberg (1906, 1911, 1913, 1928). A maioria delas já extintas. Esse trabalho, apesar de apresentar falha do ponto de vista de transcrição cf. depoimento de Aikhenvald (1991) sobre a língua Baré, da qual ela coletou dados que diferiam dos apresentados por Grunberg, constitui fonte valiosa de informação sobre os povos e as línguas da região. Outro pesquisador a contribuir com estudos sobre as línguas Aruak do Norte é Kurt (Unkel) Nimuendaju, (1955, 1982) com seus relatos e dados das suas expedições pela Amazônia nos anos vinte.

Assim, já no início do nosso século as dúvidas quanto ao caráter Aruak da maioria das línguas que compõem essa família linguística eram poucas. Por outro lado, outra tarefa surgia aos lingüistas interessados em aprofundar seus estudos: estabelecer a classificação interna da família Aruak.

Muitas tentativas foram feitas, tais como a de Rivet, (1924/1952), Schmidt, (1926), Loukotka, (1935/1968), Mason, (1950). Mason propõe

uma divisão das línguas Aruak em quatro grandes grupos divididos em grupos menores com seus subgrupos; a saber:

I. NORTE

A) INSULAR

1. Pequenas Antilhas (Igueri)
2. Grandes Antilhas (Taino)

B) NOROESTE

1. Goajiro

- a. Goajiro
- b. Parauhano
- c. Chimila

2. Caquetio

- a. Caquetio

b. Achagua, Amarizana

* 3. Piapoco

2. AMAZÔNIA DO NORTE

A) ARAWAK

1. Arawak

2. Araua

B) PALICUR

1. Palicur

2. Marawan

C) RIO BRANCO

1. Wapishana

2. Atorai

3. Mapidian

D) GRUPO ORINOCO

1. Guinau
2. Maipure
3. Mawacua
4. Yavitero (Yavita)

E) GRUPO "INDETERMINADO"

1. Baniva
2. Baré
3. Arekena (Warekena)
4. Cariya

F) GRUPO DO RIO NEGRO

1. Subgrupo Izaneni (Baniwa)
 - a. Carútana
 - b. Catapolitani
 - c. Mauliene

d. *Hohodene*

e. Mapanai

f. Moriwene

g. Siuci : ipeca-tapuya

2. Subgrupo Miriti-paraná

a. Cauyari

b. Yucuna

3. Subgrupo Mawaka

a. Adzaneni

b. Mandawaka

c. Yabaana

4. Tariana

5. Subgrupo Yapura A.

a. Wainuma

b. Mariate

6. Subgrupo Yapura B.

a. Cayuishana

b. Pasé

c. Yumana

d. Manao

7. Wairina

3. PRÉ-ANDINAS

A) Amazônicas

1. Marawa

2. Waraicú

B) Curitana

1. Cuniba

2. Cujisenayeri

C) Juruá- Purus

1. Canamari

2. Inapari

3. Ipurina

4. Maniteneri

D) Montaña

1. Campa

2. Piro

3. Machiguenga

4. Masco

5. Wachipari

4. LÍNGUAS DO SUL

A) BOLÍVIA**1. Bolívia**

- a. Moxo, Muchojeone

b. Bauré

2. Chiquito

a. Paiconeca, Paunaca

B) Paressi**C) Saraveca****D) Paraná****1. Leste : Guana**

a. Layana

b. Tereno

2. Oeste : Chané**E) Xingu****1. Mehinacu**

2. Yaulapiti

3. Custenau

4. Waurá

As línguas abaixo eram consideradas como tendo algum parentesco genético com as línguas Aruak :

A) Arauá

1. Arauá

2. Culino

3. Yamamadi

a. Yamamadi

b. Purupuru : Paumari

B) Apolista

C) Amuesha

D) Tucuna (Ticuna)

E) Tacana, Tuyoneri, Jivaro, Uru-Chipaya- Puquina

Essa classificação apesar de apresentar algumas postulações duvidosas como o caso de considerar a língua Chimila como Aruak, cfe. Malone,(1991), tem alguns pontos bem interessantes como é a tentativa, mesmo que incompleta, de classificar os “dialetos” do Baniwa do Içana e o reconhecimento da língua Tariana como sendo línguas próximas, além de considerar o Arekena ou Warekena como língua próxima do Baré e do Baniva.

É igualmente positiva a tentativa de classificar as línguas já extintas, com escassa documentação, como por exemplo as línguas Yumana, Pasé e Wainuma.

A proposta de Loukotka de 1935 consiste numa análise comparativa de 45 palavras de várias línguas e serve de base para seu trabalho mais abrangente e minucioso de 1968, que até hoje ainda é considerado como o maior compêndio das línguas Aruak, apresentando 154 línguas.

1.3.2- *Classificações modernas*

A partir dos anos 50 deste século os estudos sobre as línguas da família Aruak ganharam mais fôlego e é no ano de 1956 que surge a primeira tentativa de reconstrução proto-Aruak apresentada por R. Shafer, alicerçado nos estudos de Loukotka de 1935/1942. Entretanto, Shafer cometeu alguns equívocos como arrolar alguns dialetos do complexo Baniwa/Curripaco fora deste complexo colocando-os no mesmo nível de línguas independentes, cf. D. Taylor,(1961).

Em 1965 Noble apresenta uma tentativa de comparação lexicostatística, para chegar a uma classificação das línguas Aruak e propõe uma distinção terminológica entre Aruak lato senso, no sentido de tronco Aruak e Aruak stricto senso, ou Maipurán, que foi seguida por vários autores.

Veamos esta classificação :

1. Arauan (Arauan, Culino, Paumari, Pammari, Yamamadi)

2. Taino

3. Apolista

4. Chamicuro

5. Amuesha

6. Uru (Uru, Chipaya, Puquina)

7. Maipuran (Aruak stricto senso)

A) Sul

1. Boliviano (Moxo, Muchojeone, Bauré, Paiconeca, Paunaca)

2. Paraná (Guaná-Layana, Tereno, Chané)

B) Pré-Andino (Inapari, Ipurina, Canamari, Chantakiro, Piro, Cuniba, Cujisenayeri, Campa, Machiguenga

C) Norte (Waraicú, Guajiro, Parauhano, Arawak, Island Carib, Baré, Baria, Guinau. *Rio Negro* - Maipure, Yabaana, Anauya, Cariaya, Araua, Manao, Marawa, Piapoco,

Achagua, Amarizana, Wainuma, Uainamneu, Mandawaka, Mariate, Pase, Cayushana, Cauyari, Yucuna, Guarú, Arekena, Resígaro, Wiriná, Yumana (Izaneni, Ipeca, Kumada-Mnani, Adzeneni, Hohodene, Curutana, Catapolitani, Moriwene, Mauliene, Mapanai, Waliperi-Dakenai. *Rio Içana* - Baniva, Siusi, Tariana, Kurripako)

D) Leste - Dialetos do Xingu (Mehinacu, Yaulapiti, Custenau, Waura)
Palicur, Marawan

E) Baniva, Yavitero

F) Paresi

G) Wapishana (Wapishana, Atorai, Mapidian)

H) Shebayo

Nesta classificação de Noble,(1965), parece que o maior equívoco é arrolar a língua Palicur, e a língua já extinta Marawan, talvez um dialeto do Palicur, junto das línguas do Xingu. Cf. Payne 1991; Seki e Aikhenvald 1993, as línguas do Xingu apresentam mais afinidade com a língua Paresi.

A classificação de Loukotka de 1968 serviu de “input” para a proposta de Rodrigues, (1970), cujo princípio básico é separar cada grupo de dialetos ou até cada língua

em agrupamento a parte desde que não haja provas quanto ao seu parentesco genético mais próximo.

Vejamos a proposta de agrupamento de Loukotka :

1. Línguas Insulares : Taino e outras línguas extintas
2. Guiana : Arawak-Lokono
3. Grupo Central : Wapishana, Amariba, Atorai
4. Grupo Mapidian : Mapidian, Mawaka
5. Grupo Guajira : Guajira, Parauhano e várias línguas extintas
6. Grupo Caquetio : Caquetio, Achágua, Piapoco, Amarizana e línguas extintas
7. Grupo Maypure : Maypure, Avani
8. Grupo Baniva : Baniva, Yavitero
9. Guinau : Guinau
10. Grupo Baré : Baré, Uarequena, Adzaneni, Carútana, Katapolitani, Siuci, Moriwene, Mapanai, Hohodene, Mauliene

11. Grupo Ipeca : Ipeca (Kumada-Minanei), Payualiene, Curipaco, Karro, Kapite-Minanei
12. Grupo Tariana : Tariana, Yurupary-Tapuya (Iyaine), Cauyari
13. Grupo Mandauaca : Mandauaca, Cunipusana
14. Grupo Manao : Manao, Cariyai e línguas extintas
15. Grupo Uirina : Uirina, Yabaana, Anauya
16. Grupo Chiriana : Chiriana (Barauana)
17. Grupo Yucuna : Yucuna e línguas extintas
18. Grupo Resígaro : Resígaro
19. Grupo Marawa : Marawa
20. Grupo Araicu : Araicu
21. Grupo Uainuma : Uainuma
22. Grupo Jumana : Jumana, Pasé
23. Grupo Cui shana : Cui shana, Patiana
24. Grupo Pré-Andino : Campa, ou Anti: Machiganga (com dialetos), Piro, Chontaquiro, Mashko, Maneteneri, Inapari (Mashko- Piro) Cuniba, Kanamaré e línguas extintas

25. Grupo Ipurina : Ipurina, Casharari
26. Grupo Apolista : Apolista (Lapachu, Aguachile)
27. Grupo Mojo : Mojo (Ignaciano), Bauré, Muchojeone, Paicone e línguas
extintas
28. Grupo Paresi : Paresi (Ariti), Kozarini e línguas extintas
29. Grupo Chané : Chané (Izoceño), Guana (Layano), Terena,
Guiniguinao
30. Grupo Waurá : Waurá, Kustenau, Yaulapiti, Mehinaku
31. Grupo Marawan : Marawan, Palikur e línguas extintas
32. Grupo Aruan : Aruan (Aroa), Sacaca
33. Grupo Morique : Morique
34. Grupo Chamicuro : Chamicuro e línguas extintas
35. Grupo Lorenzo : Amuesha e línguas extintas
36. Grupo Guahibo : Guahibo com dialetos

A grande vantagem desta classificação é sua abrangência. Aparecem aqui todas, ou quase todas as línguas e dialetos Aruak. Há algumas dúvidas com relação ao

“status” dos dialetos que formam o complexo Baniwa do Içana / Kurripaco. Algumas línguas ou dialetos do complexo estão relacionadas no grupo Baré (Adzaneni, Carútana, Katapolitani, Siuci, Moriweww, Mapanai, Hohodene, Mauliene) e outras no grupo Ipeca { Ipeca (Kumada-Mínanei), Payualiene, Kurripaco, Karro, Kapitê-Mínanei }. Por outro lado, cfe. Aikhenvald, 1991, Loukotka atribui mais de um nome ao mesmo objeto lingüístico como é o caso de Kurripaco, Ipeca e Kumada-Mínanei, que na verdade são a mesma língua, sendo Kurripaco uma designação mais genérica.

Apesar dessas confusões de nomenclatura e de algumas tentativas duvidosas de classificar línguas extintas como sendo Aruak, este estudo de Loukotka ainda é a principal obra de referência para uma visão mais geral da família linguística Aruak.

Outras tentativas de classificação (reconstrução) foram propostas, como é o caso de Matteson, 1972 ; Voegelin & Voegelin 1977, esta última inclusive está na Enciclopédia Britânica de 1984. Voegelin & Voegelin fazem distinção entre tronco Aruak e família linguística Maipure, seguindo a proposição de Noble 1965. Em 1986 surge a análise das classificações já existentes das línguas Aruak por Valenti,(1986). No mesmo ano Tovar, (1986), tenta mostrar o caráter comum das línguas Aruak , na base de isoglosas lexicais e cálculo lexico-estatístico, porém sem apresentar uma classificação desta família linguística. Um trabalho preciso e completo é o de Rodrigues,(1986), onde estão agrupadas as línguas Aruak brasileiras por áreas geográficas, mostrando os nomes dos “dialetos” que constituem o complexo Baniwa do Içana/Kurripaco.Outra lista quase completa das línguas Aruak está em Adelaar,(1992), contudo não há classificação linguística. Em Greenberg, (1987), encontra-se uma classificação das línguas Aruak, dentro do quadro das línguas das Américas Central e do Sul, que, segundo o autor, faziam parte da hipotética Macro-família Amerind, cf.Rodrigues,(1990) ; Kaufman,(1990).

A tentativa mais recente de classificação das línguas Aruak está em Payne, (1991). No entanto esta classificação não pode ser tomada como exaustiva pelo fato de apresentar apenas 24 línguas, a saber :

1. OCIDENTAL

a. *Amuesha*b. *Chamicuro*

2. CENTRAL

a. *Paresi*b. *Waurá*

3. Sul

Bolivia-Paraná

a. *Terena*b. *Bauré*c. *Ignaciano*

Purus

a. *Piro*b. *Apurinã*

Campa

a. *Machiguenga*

b. *Asheninca*

3. Oriental

a. *Palicur*

4. Norte

a. Wapishana

a.1. *Wapishana*

b. Caribeo

b.1. Garifuna

b.1.a. *Garifuna*

b.2. Ta-Arawakan

b.2.a. *Lokono*

b.2.b. *Guajiro*

c. Continental

c.1. Norte-Amazônico

c.1.a. Resígaro

c.1.a.1. *Resígaro*

c.1.b. Rio Negro

c.1.b.1. *Achágua*

c.1.b.2. *Cabiyari*

c.1.b.3. *Curripaco*

c.1.b.4. *Piapoco*

c.1.b.5. *Tariano*

c.1.b.6. *Yucuna*

c.2. Yavitero

c.2.a. *Yavitero*

Bem, com relação às línguas componentes da família Aruak, até o presente momento parece não haver muita dúvida. Entretanto, no que diz respeito à classificação interna desta família, há, ainda, muito trabalho a ser feito, principalmente no caso da distinção língua/dialeto em alguns agrupamentos menores.

1.2 - *Dados Sobre o Baniwa do Içana*

O Baniwa do Içana é uma língua Aruak falada no noroeste do Brasil, ao longo do rio Içana, de seus afluentes e igarapés. Esta denominação pode ser tomada como generalização para um complexo dialetal com cerca de vinte grupos e também é conhecida como complexo lingüístico Baniwa/Kuripako.

Segundo Nimuendaju, (1955) :

A língua Baniwa do Içana divide-se em três dialetos ligeiramente diferenciados na pronúncia e em alguns vocábulos. O primeiro, denominado “Carutána” pelos seus vizinhos é falado pelos clans dos Yauareté, Yurupari, Urubú e Arára-Tapuya do Baixo Içana. O segundo dialeto é falado no médio Içana, até pouco além da suposta fronteira Colombiana, no Ayari. Os seus representantes são os clans Cadaupuritana, Sucuriyú-, Siuci-Acuti-, Cáua-Tapuya, e Hohódene.

O terceiro e mais divergente é falado principalmente em território Colombiano, onde ele é designado com o nome “Corripaco”, e no Alto Içana, Alto Guainia e Alto Cuyari pelos clans Pacú-Tapuya, cujos restos se mudaram ultimamente para o Acuti-Igarapé, afluente do Içana em território brasileiro, os Coatí, Tapiíra-, Ipéca-, e Tatu-Tapuya, estes no Alto Cuyari talvez em parte em território brasileiro, e os Yauareté-Tapuya no Guainia, em território venezuelano, diferentes dos índios do mesmo nome Içana.

Conforme França, (1993), têm-se a seguinte divisão:

BANIWA DO IÇANA

A) KARUTANA- falada no baixo Içana

B) BANIWA DO IÇANA- falada no médio Içana

C) KURRIPAKO- falada no alto Içana

Assim, dentro do subgrupo “Karutana” estão :

-Yawareté-Tapuya

-Yurupari-Tapuya

-Urubu-Tapuya

-Yiboya-Tapuya

-Arara-Tapuya

No subgrupo Baniwa estão :

-*Hohodéne*

-Pixuna-Tapuya

-Ira-Tapuya

-Siusi-Tapuya

-Kawa-Tapuya

-Akuti-Tapuya

No subgrupo Kurripako estão :

-Paku-Tapuya

-Tatu-Tapuya

-Tapiíra-Tapuya

-Pato-Tapuya

-Kuatí-Tapuya

É interessante observar a distinção entre a língua Baniwa do Içana, objeto linguístico deste estudo, e o Baniwa ou Baniwa propriamente dito, cf. Kurt Nimuendaju, e Koch-Grünberg, falada no rio Guainia na Venezuela da qual não se obteve muita informação. Nimuendaju afirma : “Nem a Koch nem a mim foi possível descobrir qual era o verdadeiro nome daquela nação e da sua língua”.

Rodrigues,(1986) arrola alguns nomes de línguas ou dialetos Baniwa dos quais obteve-se dados linguísticos confiáveis, citando o nome correspondente em “Nhengatú”, isto é língua geral da região, e mostrando o significado:

Em Baniwa do Içana	Língua Geral	Significado
-Adáru-minanei (karutana)	Arara-tapuya	Gente da arara

-Adzaneni, Adyanene, Adyana (Kurripako)	Tatu-tapuya	Gente do tatu
-Aini-dákenei, Mauliene	Kawa-tapuya	Gente da vespa
-Awadzurunai	Akuti-tapuya	Gente da cutia
-Dzawi-minanei (karutana)	Yawareté-tapuya	Gente da onça
-Dzureme, Dzuremene	Yibóia-tapuya, Búia-tapuya	Gente da jibóia
-Héna-dákene (kurripako)	Tapiúra-tapuya	Gente da anta
-Hohôdene, Hôho	-----	-----
-Kadaupuritana, Kataporitana Pixuna-tapuya		Gente do preto (?)
-Kapté-mnanei (Korripako)	Kuati-tapuya	Gente do quati
-Karútana (vide Adáru-minanei, Dzawi-minanei, Mapátse-dákenei, Wádzoli-dákenei)		
-Kurripako, Kurripaka (vide Adzáneni, Kapité-mnanei, Kumadá-mnanei, Payualiene)		
-Kumada-mnanei, Kumandene		

(Kurripako)	Ipéka-tapuya, Pato-tapuya	Gente do pato
-Mápanai, Mápa-dakenei	Ira-tapuya	Gente da abelha
-Mapátse-dákenei (Karútana)	Yurupari-tapuya	Gente do jurupari
-Maulieni (vide Aini-dákenei)	-----	-----
-Moriwene	Sukuriyú-tapuya	Gente da sucuri
-Payualiene, Padzoaliene (Kurripako)	Pakú-tapuya	Gente do pacu
-Wádzoli-dákenei	Urubú-tapuya	Gente do urubu
-Walipéri-Dakenei	Siusi-tapuya	Gente das Plêiades

Segundo o informante Afonso Rodrigues, Hohodene, que, além do Baniwa/Hohodene também fala Nhengatu, Tukano, Desano, Espanhol e Português, é necessário fazer uma retificação no quadro de Rodrigues,(1986), especificamente em : “Awadzurunai”, que em Baniwa, segundo ele significa “Gente da paca” e não “Gente da cutia”. Pode-se acrescentar ainda neste quadro , o significado de “Hohôdene” que é “Gente do nambu”-ave da região-

Embora haja alguns trabalhos referentes às línguas do complexo Baniwa/Kuripaco, faz-se necessário ainda mais estudos que impliquem em um melhor esclarecimento quanto ao verdadeiro “status” de língua ou dialeto para os componentes deste grupo, bem como seria muito interessante um trabalho de campo semelhante ao de

Nimuendaju, ou seja, um recenseamento atualizado das línguas pertencentes a esse complexo, faladas ao longo do Içana e seus afluentes.

CAPÍTULO II - Revisão da Literatura

2.1- Classe Nominal

Quando os lingüistas começaram a estudar as línguas fora da família Indo-Européia, encontraram exemplos de categorias que eram gramaticalmente semelhante à gênero naquelas línguas, mas que não apresentavam a mesma correlação semântica com sexo e animação. Descobriram, além da classificação tradicional de *masculino/feminino* e *animado/ñ animado*, outros tipos de parâmetros de classificação tais como: objetos *altos/baixos*, *forte/fraco*, *grosso/fino*, etc. Este novo fenômeno de categorização foi denominado Classes Nominais. Mais conteúdo semântico pode ser encontrado em relação às classes nominais do que em relação à gênero. Craig,(1986) quando fala de grau de gramaticalização na classificação das línguas, propõe uma distribuição num “continuum”, apontando o *gênero* como o mais gramaticalizado e em seguida as classes nominais seguidas dos classificadores. Ver esquema abaixo:

+ gramaticalizado

gênero

classe nominal

classificador genitivo

classificador nominal

classificador numeral (de espécie)

(de medida)

+ lexical

Os sistemas de classes nominais são mais típicos nas línguas da África, embora também ocorram na Austrália e na América do Sul, e apresentem normalmente entre 5 e 20 classes. O sistema de classe nominal e o gênero compartilham a característica de formar parte do sistema de concordância de uma língua. Geralmente o gênero ou classe, que pode ou não ser marcado nos nomes em si, é marcado abertamente nos artigos e

modificadores dentro da locução nominal e no predicado. Algumas vezes ~~faz-se referência~~ ao sistema de classe nominal como concordancial (Zalizniak, 1967). Entretanto, este termo nem sempre é feliz, visto que, de modo geral todos os classificadores também são concordanciais, uma vez que eles estão sempre numa relação de concordância com os nomes que eles classificam.

A definição para Classes Nominais encontrada no Dicionário de Linguística organizado por Jean Dubois, é a seguinte: “Chamam-se *classes nominais* as categorias caracterizadas pelo emprego de certos sufixos, chamados *índices de classe ou classificadores*, entre os quais certas línguas negro-africanas distribuem os substantivos segundo a natureza dos seres ou das coisas que designam (humano, actante, número, etc.)”. Segundo Dixon, (1986): a categoria de Classe Nominal é um agrupamento de todos os nomes de uma língua dentro de um número de classes; há uma indicação externa da classe de um nome dentro de uma frase na qual ela ocorre ; essa indicação não está totalmente dentro da palavra nome (dito isto pressupõe-se que os classificadores são formas livres). Em Swahili, por exemplo, cada nome carrega um prefixo indicando sua classe e há um prefixo concordancial no verbo da frase se o nome está numa relação de sujeito ou de objeto com o verbo ou de complemento com outro nome.

A seguir mostraremos algumas diferenças mais relevantes entre os sistemas de classes nominais e os sistemas de classificadores:

i) o tamanho e número das classes : as classes envolvem um agrupamento de todos os substantivos da língua num número relativamente pequeno (de 2 até 20), enquanto que o número de classificadores pode ser muito maior;

ii) as classes nominais constituem um sistema fechado, sendo seus marcadores codificados como afixos, palavras separadas ou clíticos, por exemplo artigos, enquanto que os classificadores são sempre formas livres;

iii) a marcação da classe nominal pressupõe a existência de uma classe de concordância. Conforme Corbett, (1991), a marcação de classe nominal não ocorre dentro de uma mesma palavra morfológica, enquanto que o comportamento dos classificadores é outro: Dixon (1986:197) postula que “os classificadores comportam-se muito

diferentemente: nunca há qualquer referência a eles fora da frase nominal na qual eles coocorrem com o nome específico (ou algumas vezes , ocorrem no lugar de um nome específico)” .

Apesar dessas diferenças, as definições tanto para classes nominais quanto para classificadores podem ser consideradas como prototípicas, já que segundo o próprio Dixon,(1986:106), existem vários sistemas que não se adaptam claramente a nenhum dos esquemas antes descritos. Um exemplo disto seria a língua Munduruku (Tupi) que possui um número consideravelmente elevado de classes nominais. Mais prudente seria considerar esses conceitos como pertencentes a um *continuum conceitual*. Até mesmo a distinção das línguas com classificadores e com classes nominais baseada na oposição de tipos morfológicos, sendo as primeiras predominantemente *isolantes* e as com classes nominais predominantemente *flexionais ou aglutinantes*, deve ser feita com cautela, uma vez que muitas línguas da Amazônia fogem a essa regra. V.Aikhenvald,(1993).

As classes nominais são reconhecidas como fenômeno sintático, entretanto existe com certeza algum grau de correspondência semântica, já que é muito provável que a maioria dos sistemas de classe nominal possuía uma base semântica direta , de acordo com o significado dos classificadores lexicais originais. Os sistemas de classificadores, por sua vez, podem modificar-se tornando-se mais gramaticalizados, constituindo-se em classes nominais, com conteúdo semântico, refletindo crenças, aspectos culturais e atitudes sociais. É interessante observar que a língua estando em constante transformação reflete em suas classes nominais aspectos das mudanças de costumes e credos. Um exemplo disto é o caso da língua do Caucaso *Lac* que distribuía seus substantivos em quatro classes, a saber: CL 1, todos os seres humanos masculinos; CL 2, todos os seres humanos femininos; CL 3, todos os animais; e os seres inanimados foram distribuídos entre CL 3 e CL 4. Na língua moderna, especialmente no dialeto Araku, esta classificação foi parcialmente modificada em virtude de algumas modificações sociais, principalmente com relação ao “status” da mulher. A norma aceita agora diz que ao se endereçar a uma mulher fora de sua família ao invés do indicador da CL 2, deve-se usar o indicador da CL 3. O indicador de CL 2 dirigido à mãe de alguém é falta de educação. O mais interessante é que as atitudes sociais e os credos culturais podem com o tempo mudar, deixando alguns aspectos dos membros das classes nominais sem

explicação aparente, ou seja, tornando-se ,às vezes, impossível a recuperação da noção semântica do nome em relação a sua distribuição em certa classe.

Segundo Richardson,(1967), estudiosos do Bantu se convenceram de que é quase impossível , através de metodologia reputável, provar que a classificação nominal no Proto-Bantu é amplamente baseada em implicações conceituais. Worsley,(1954), comparou línguas Australianas com o Bantu e sugeriu que uma razão semântica poderia ser fornecida para uma boa proporção de distribuição de classes nominais , mas advertiu para ter-se cuidado com essa afirmação, pois existe uma tendência de supersistematização de modelos de pensamento e comportamento dos aborígenas por parte dos brancos. Sendo assim na maioria dos casos é muito mais coerente relacionar as classes nominais com sistemas semânticos do que com noções semânticas isoladas. Os sistemas como *animado/ ã animado; masculino/feminino; grande/pequeno; comestível/ã comestível; etc.*

Uma maneira eficaz de encontrar pista com relação às razões semânticas subjacentes do sistema de classificação nominal é quando se trabalha com empréstimos. Convém sempre lembrar que a base sincrônica da determinação de uma classe nem sempre necessariamente tem a mesma motivação original para a divisão de palavras nativas em classes. Os princípios semânticos podem mudar devido a mudanças culturais. Mesmo assim, a observação dos princípios nos quais os empréstimos são colocados em classes pode ser a mais útil forma de se encontrar razão semântica nas classes nominais.

Conforme Dixon,(1986), normalmente nas línguas do mundo as palavras emprestadas estão distribuídas em classes nominais de três maneiras:

- a) Todos os empréstimos vão para uma única classe;
- b) A distribuição é baseada na forma fonológica da palavra emprestada;
- c) A distribuição da classe pode ser baseada no conteúdo semântico da palavra emprestada;

Algumas línguas adotam [a], outras [c] e algumas adotam a combinação [a/b], enquanto que outras adotam a combinação [b/c].

O conhecimento da distribuição dos membros de uma língua em classes nominais depende de uma intimidade com as crenças , mitos, e costumes do povo falante

dessa língua. Há povos que, segundo o “status” que certos animais possuem em sua cultura, os classificam de forma inesperada. É o caso do leão que, por ser tão temido em algumas comunidades africanas, ao invés de ser classificado na classe destinada aos animais, é classificado na classe dos humanos. A explicação é que o leão poderia ouvir algum falante lhe atribuindo um marcador de classe de um espírito inferior e atacar esse falante. Outra característica que a maioria das línguas com classes nominais apresenta é a existência de uma classe denominada por Dixon de “resíduo” que recebe os itens que não apresentam conceitos associados a nenhuma classe. É comum isso ocorrer com as palavras emprestadas.

Segundo Lakoff,(1986), alguns princípios de categorização na cognição humana regulam a classificação dos nomes em classes,a saber:

* *Centralidade* - uma distinção entre o núcleo semântico e periferia semântica em cada categoria.

* *Encadeamento* - as categorias complexas estão sendo estruturadas pelo princípio das cadeias de associações semânticas. Por exemplo, o vidro do óculos (lente) deve ser classificado na mesma classe de óculos.

* *Domínio de experiência específico para cada cultura* - . Craig, (1986). ressalta a importância dos estudos antropológicos para melhor análise dos sistemas de classificação nominal.

* *Possibilidade de existência da classe do resto* - itens da língua de semântica não classificada em nenhuma outra classe.

Estes *princípios básicos* auxiliam em grande parte na explicação da organização dos substantivos em classes. Entretanto, a estatística de acertos no que diz respeito à classificação dos vários itens de uma língua, sempre vai depender do grau de conhecimento que se tem da cultura, visão de mundo do povo que a fala.

2.2-Sistemas de Classificadores

Os sistemas de classificadores são sistemas léxicos e sintáticos encontrados nas línguas da Ásia, da Austrália, da Oceania, da África e nas Américas, que fornecem uma categorização nominal aberta. Eles são de diferentes tipos e podem ser distinguidos pela sua semântica, pelo tamanho de seu inventário, pelo seu “status” morfo-sintático e pelo seu uso pragmático. Os sistemas de classificadores em si são partes de um contínuo de cada sistema de categorização nominal, que permanecem numa posição intermediária entre os dois tipos de classificação encontrados nas línguas européias, a saber: os sistemas de gênero, bastante gramaticalizado e as expressões lexicais de termos de medida e contadores de unidade: um pedaço de papel; uma xícara de leite; uma porção de fumo; uma pilha de roupas, etc., de grande motivação semântica. Os sistemas de classificadores selecionam aspectos semânticos universais básicos, das classes de palavras principais nas quais eles se originam, principalmente dos substantivos e dos verbos e se estendem metaforicamente para assumir abertamente os vários ciclos de interações físicas, funcionais e sociais que os seres humanos têm com o seu mundo.

Embora, como destacado por Lakoff, (1986), alguns sintam-se tentados a dizer que eles sejam formas arbitrárias que não refletem estruturas conceituais, e daí não ajudariam a entender a natureza dessa categorização, os sistemas de classificadores podem ser vistos como um exemplo de um mecanismo lingüístico de categorização humana, uma vez que realçam a proeminência particular dos objetos selecionados numa dada cultura, colaborando para uma melhor compreensão da estrutura semântica das línguas. Além disso, mostram como os seres humanos constroem as representações do mundo e como eles os codificam em palavras das suas línguas.

Os sistemas de classificadores, nas línguas do mundo, compartilham parâmetros semânticos e princípios de categorização (V. Allan, (1977); Craig,(1986),(1992); Dixon, (1982),(1986); Lakoff,(1986).

Alguns parâmetros semânticos que ocorrem nas línguas do mundo são:

* *Animação* - animado vs ã animado (algumas línguas incluem aqui uma subclassificação de oposição de gênero: masculino vs feminino de acordo com a oposição prototípica marcado vs ã marcado entre seus membros).

* *Configuração* - que inclui parâmetros referentes às formas dos objetos classificados, tais como chata, plana, longa, redonda, etc.

* *Consistência* - incluindo parâmetros como duro, flexível, etc.

* *Tamanho* - grande, médio, pequeno, etc.

* *Quantidade* - singular, plural, contável, ã contável, metade, par etc.

Em certas línguas, como é o caso do Baniwa do Içana, ocorrem classificadores considerados como “resto”, isto é , não pertencentes a nenhuma classe semanticamente classificável, também chamadas de classe geral. Inclui-se, frequentemente, nesta classe, os empréstimos.

A formação do escopo semântico de cada classificador procede a partir de um núcleo, ou protótipo semântico, incluindo, subseqüentemente, a periferia semântica. Alguns princípios básicos usados freqüentemente, encontrados nas línguas do mundo para inclusão de membros periféricos são:

* *Princípio do domínio de experiência* - (Cf. Lakoff, 1986:15). Se existe um domínio básico de experiência associado à [A], então é natural para entidades desse domínio estarem na mesma categoria que [A]. Em Baniwa, por exemplo, “Homem” pertence a classe dos seres animados ã femininos, então é natural que óculos e camisa, que são seus atributos, ou seja, pertencem ao seu domínio de experiência, sejam classificados nesta classe.

* *Princípio de mito e crença* - (Cf. Lakoff, 1986:15). Se algum nome tem características [X], mas está ligado a características [Y], em função de aspectos míticos ou de crença, então geralmente ele pertencerá à classe de características [Y] e não à classe de características [X].

Para perceber a ocorrência deste princípio é necessário ter um bom conhecimento da história cultural de um povo falante de uma determinada língua. Um exemplo deste princípio encontra-se em outra língua Aruak do Norte, a língua Tariana. A

palavra “íçici”, arco-íris, é classificada como - ser animado ã feminino, devido à crença de que arco-íris é uma cobra d’água. Fato interessante é que esta mesma crença foi atestada em Dyirbal, língua australiana estudada por Dixon.(V. Aikhenvald, 1993). Outro exemplo está no Baniwa, onde o empréstimo do português “pratu” pode ser classificado como objeto plano ou como objeto sinuoso. A explicação para esta última classificação tanto pode vir de uma analogia entre prato e cobra, quando enrolada, quanto da narrativa mítica “Javali”, onde há uma cobra que se transforma em prato e vice versa.

* *Princípio da propriedade importante* - (Cf. Lakoff, 1986:16). Se um subgrupo de nomes têm alguma propriedade particular importante que o resto do grupo não tem, então os membros deste subgrupo podem ser classificados numa classe diferente do resto do grupo para marcar esta especificidade.

A língua Baniwa do Içana apresenta um exemplo interessante deste princípio:

O tipo de música conhecido por “lambada”, que deveria ser classificado pelo *princípio de domínio de experiência*, na mesma classe que “homem”, é classificada na classe dos objetos sinuosos. A explicação mais provável advém do fato de que este ritmo provoca uma dança de movimentos sinuosos. Segundo Aikhenvald,(1993), outra explicação estaria relacionada ao movimento sinuoso da melodia, como particularidade importante do próprio objeto música.

2.2.1- Tipos de Classificadores

À medida em que os estudos sobre os sistemas de classificadores foram avançando, principalmente a partir da década de oitenta, tornou-se necessária uma padronização da terminologia adotada para denominá-los. Infelizmente, pode-se encontrar, às vezes, na literatura que trata deste assunto vários nomes para designar o mesmo objeto de estudo. Um exemplo disto pode ser encontrado no caso dos *classificadores numerais*, que ora são considerados *numerais*, *numerativos*, *numéricos* ou *de número*. (V. Greemberg, 1972; Adam, 1986; Sanchez, s/d). Outro problema, e até mais complicado, é o caso dos

classificadores nominais. Alguns linguistas os usam de maneira genérica, para referir-se a todos os sistemas de classificadores. Outros os consideram como classificadores em si, distinguindo-os, por exemplo de outros tipos como os *classificadores numerais*, (V. Denny, 1976). Outro motivo que estimula uma padronização quanto a denominação dos classificadores é o fato de estar aumentando o número de classificadores conhecidos, devido à intensificação dos estudos sobre as línguas das Américas. (V. Craig, 1986, sobre os *classificadores genitivos*).

A seguir mostraremos alguns tipos de classificadores, de ocorrência mais freqüente nas línguas classificadoras do mundo:

* *Classificadores numerais* - São considerados os mais comuns dos sistemas de classificadores. São denominados assim pelo fato de aparecerem contiguamente aos numerais. Quase sempre são afixados aos numerais, como formas livres. No caso do Baniwa, são sempre sufixos. Embora sejam chamados assim por aparecerem ligados aos numerais, eles podem também ocorrer com quantificadores e demonstrativos. Uma distinção deve ser feita entre classificadores numerais *de medida* e classificadores numerais *de tipo*. Os *de medida* são usados com unidades de medida, tanto de substantivos de massa, quanto de substantivos contáveis e formam uma classe lexical bastante extensa. Ocorrem principalmente nas línguas isolantes como Chinês e o Tai. Eles são muito familiares pelo fato de corresponderem aos termos de medida das línguas ñ classificadoras: peso de fumo, resma de papel, milheiro de tijolo, fatia de pão, porção de sal etc. Por outro lado, os classificadores *de tipo* não têm equivalentes diretos nas línguas ñ classificadoras. São morfemas que especificam unidades e não quantidades. Às vezes, são considerados semanticamente redundantes, já que expressam características inerentes ao nome ao qual se referem. Eles podem se referir tanto à essência do nome/objeto classificado, com por exemplo, *um homem "tuchawa" líder, chefe, uma mulher professora, um cão animal, uma planta banana, um rio líquido*, quanto à sua forma, como por exemplo, *um pontiagudo/fino osso, uma árvore/vertical/longa, uma folha de papel ou uma folha de árvore/plana, uma laranja/esférica/redonda*. Eles também podem se referir a sua função, como por exemplo, *um bote de transporte, um suco de fruta potável*. Em algumas línguas eles também podem

se referir ao “status” social ou à relação de parentesco dos humanos. *Homem/ honorável, Mário/jovem*. Conforme Craig, (1986), os classificadores *de tipo* têm a função no discurso de individualizar os substantivos considerados como de conjunto ou de conceito. Enfim, os *classificadores numerais* são material básico, relevante para qualquer estudo sobre classificação nominal das línguas do mundo, com particular interesse aos *de tipo*, que diferenciam as línguas classificadoras das línguas ã classificadoras.

* *Classificadores nominais* - são de ocorrência mais rara. Sua existência como um tipo distinto foi defendida em Craig, (1986) e Zavala, (1989), num trabalho sobre as línguas da meso-américa, Kanjobalan Mayan, e em Leon, (1988) para um dos sistemas do Mixteca. Essa denominação vem do fato dos classificadores estarem intimamente ligados ao substantivo, sem depender de outra presença na locução nominal, como um numeral, demonstrativo ou um possessivo, atuando sozinhos com seus substantivos referentes. Uma das funções principais desses classificadores é a de atuar como pronome dêitico anafórico dos substantivos referentes, como ocorre na língua Jacalteco. (V. Craig, 1986:264). Nota-se que, além da existência dos classificadores nominais nem sempre ser reconhecida, frequentemente essa denominação é usada como generalização para os classificadores, incluindo até classificadores numerais.

* *Classificadores genitivos* - são também conhecidos como classificadores relacionais ou possessivos. Constituem uma das principais características tipológicas das línguas da Oceania. Assemelham-se aos classificadores numerais, visto que também acompanham um elemento da locução nominal, no caso a entidade possuidora de uma construção possessiva. O uso destes classificadores está ligado a um subgrupo de construções possessivas comumente rotuladas de “alienáveis”, em oposição à possessão “inalienável”. Nem sempre é fácil de identificar o que determina a (in)alienabilidade de um substantivo, de modo que, em qualquer língua que apresente essas duas construções de possessão, essa questão é de conteúdo etnolinguístico. Geralmente envolve substantivos relacionados às partes do corpo, relações de parentesco e culturais.

* *Classificadores Verbais* - São assim chamados porque morfologicamente constituem parte das palavras verbais. Eles se apoiam nos mesmos parâmetros semânticos dos outros classificadores já mencionados, de origem nominal. Ocorre aqui também um problema de cunho terminológico, ou seja, alguns elementos verbais de funções não classificatórias são chamados de classificadores, enquanto que outros itens, que deveriam ser chamados de classificadores, às vezes são denominados de marcadores de classe. Um subtipo de classificadores verbais são os *incorporados*, que consistem em substantivos incorporados ao verbo. A semântica dos sistemas classificadores incorporados varia do tipo de *entidades* até *qualidades*, como forma e função dos objetos. No primeiro caso eles estão mais próximos da semântica dos classificadores nominais, e, no último caso, mais próximo da semântica dos classificadores numerais. Outro subtipo de classificadores verbais são os *afixos verbais*. Eles classificam tanto o sujeito dos verbos intransitivos, quanto o objeto dos verbos transitivos. Outra característica desse subtipo, que figura como mais gramaticalizado, é o fato de sua ocorrência estar ligada estritamente a determinados verbos, principalmente ao grupo de verbos com conceito de manipulação de objetos, isto é, pegar, agarrar, manusear, segurar, inclusive o estado de estar em algum lugar como, deitar, estar em posição e lugar específico. Enfim, o sistema de classificadores verbais engloba uma ordem de subtipos num “continuum”, onde os elementos classificadores variam de ser próximos morfológico e semanticamente das suas origens lexicais ou encontram-se tão desgastados, tanto fonológica quanto semanticamente, de modo que acabam fundindo-se com os verbos.

As Classes Nominais e os Classificadores, com sua tipologia, foram apresentados como se fossem termos concretos, mas o que ocorre é que grande maioria dos Sistemas de Classificação eles representam muito mais um ponto central de um “continuum”, do que tipos discretos. Deve-se levar em conta que alguns sistemas se modificam, se fundem com o tempo, outros sistemas possuem elementos que não têm classificação única, enquanto que classificadores, servindo também para marcar concordância, flutuam entre os papéis de inflexionais ou derivacionais. Muitos trabalhos já foram realizados sobre esse assunto, como por exemplo Derbyshire e Payne, (1990), sobre algumas línguas da América do Sul, entretanto a grande maioria dessas línguas e principalmente quando se trata das línguas brasileiras, há muito trabalho ainda para ser feito,

que podem corroborar para um maior esclarecimento dos fenômenos de classificação das línguas do mundo, e de categorização humana.

Capítulo III - Metodologia

3.1- *A pesquisa*

No ano de 1993, ao ingressar no curso de Pós-Graduação Letras Linguística-Línguas Indígenas, havia uma intensa atividade de pesquisa nesta área, desenvolvida na UFSC, sob a coordenação dos professores Jean Pierre Angenot e Alexandra Aikhenvald. Discutia-se então a relevância dos estudos das línguas indígenas brasileiras pelos pesquisadores brasileiros, mestrandos e doutorandos, tendo em vista que essas línguas estavam sujeitas a desaparecerem, devido à dizimação crescente dos povos indígenas no Brasil. Motivado com esse clima, ao terminar os créditos exigidos pelo curso, e após ter decidido o tema de minha dissertação, viajei para a Amazônia no intuito de coletar dados para minha pesquisa: “O estudo das classes nominais e dos classificadores em Baniwa do Içana-Hohodene”. O destino era a cidade de São Gabriel da Cachoeira, uma verdadeira “meca” linguística, pois, encontra-se ali falantes de várias línguas indígenas brasileiras. Tanto da família Aruak, quanto de outras famílias como Tucano, além de falantes do Nhengatu, língua geral ou franca falada na região. A intenção era de ir mais além, até as comunidades do rio Içana, mas infelizmente o custo de uma viagem destas é muito elevado e só havia ganho do CNPq (Projeto Integrado) a passagem Florianópolis/Manaus. Tive que me contentar em ficar ali mesmo em São Gabriel. Por sorte a cidade estava sediando um curso de reciclagem de professores de primário e pude contatar uma família de Baniwas-Hohodene, a família Fontes, da qual dois filhos homens eram professores, e me indicaram uma comunidade nas proximidades de São Gabriel, cerca de 20 km-Itaquatiara-Mirim, onde viviam alguns parentes recém chegados de Ukuki-Cachoeira, comunidade situada às margens do igarapé Warana, equidistantemente próximo à fronteira tanto da Colômbia quanto da Venezuela, afluente do rio Aiari, afluente do rio Içana, afluente do rio Negro.

3.2- *Os informantes e a coleta de dados*

O início da coleta dos dados foi bem interessante, pois, contava-se com a presença de vários membros da família Fontes, além dos informantes Afonso e seu irmão Albino. Decidimos pagar os informantes por hora de trabalho no final de cada dia. Embora o pagamento sugerisse um clima de responsabilidade, era comum eu ter que ir até o porto, onde eles estavam alojados, chamá-los para o nosso compromisso. Seu João, o pai de Albino e Afonso, era muito respeitado e conhecia muitas histórias de seu povo. Mais tarde ficamos sabendo que os Baniwa-Hohodene são respeitados por outros índios pelo fato de serem profundos conhecedores das ervas da floresta e especialistas na fabricação do “curare”, veneno paralisante usado na ponta das flechas das “zarabatanas”. As histórias coletadas serão mais tarde transcritas e ilustradas, no intuito de comporem um livro de histórias dos Baniwa.

Além das histórias coletadas com seu João, usou-se também para coleta dos dados, a lista de 100 palavras de Swadesh, o questionário do Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Pequeno Vocabulário do Baniwa do Içana de Augusto Mello inserindo numerais e adjetivos com os nomes para verificar o uso dos classificadores e a distribuição dos nomes em classes. As informações foram coletadas inicialmente com João, Afonso e Albino Fontes, e, posteriormente com seu Lauriano (tuchawa) da comunidade de Itaquatiara-Mirim e seu Camilo, da mesma comunidade. Seu Camilo apesar de não poder falar muito, devido a uma bronquite, mostrava grande habilidade para imitar sons de pássaros e aves da região. Seu Lauriano, líder da comunidade mostrou-se amável conosco promovendo uma festa do Dabukuri, onde trocamos ofertas de comida e ouvimos seu Lauriano e filhos tocarem flautas e dançarem por ocasião da festa.

3.3- *Material*

Para a coleta dos dados do Baniwa pudemos contar com um gravador Marants, de alta confiabilidade, cedido pelo amigo Valteir Martins, e também com um gravador Sony, portátil, quando visitávamos a comunidade de Itaquiara-Mirim, nas proximidades de São Gabriel, além de fitas cassete sony de sessenta minutos. Algumas vezes escrevamos direto, sem ajuda de gravador, mas com supervisão dos informantes, principalmente Afonso que mostrava algum conhecimento da ortografia da língua Baniwa, devido o contato com outros pesquisadores.

A seguir mostraremos alguns aspectos do Sistema de Classificação da Língua Baniwa do Içana - Hohodene, língua da família Aruak do Norte.

Capítulo IV-Sistema de Classificação em Baniwa do Içana-Hohodene

4.1- *Classes Nominais e Classificadores - Generalizações*

A básica diferença entre classificadores de todos os tipos e as classes nominais é que as classes nominais possuem um caráter de sistema gramaticalizado fechado, enquanto que os classificadores são sistemas de morfemas abertos e motivados semanticamente.

As classes nominais e os classificadores em Baniwa oferecem particular contribuição para o estudo dos sistemas de classificação nas línguas do mundo por várias razões:

a) O Baniwa apresenta um elenco amplo de classes nominais de sutil motivação semântica, utilizadas com a função de concordância nas construções núcleo modificador com modificadores adjetivais e um pequeno grupo de marcadores restritos a expressões de quantidade; além disso, conta com expressivo número de classificadores: numerais, nominais, genitivos e verbais;

b) O Baniwa possui oposição de gênero- feminino vs não feminino em pronomes pessoais independentes demonstrativos, prefixos e sufixos(enclíticos); marcadores de referência verbal cruzada, que governam a concordância em construções verbo - argumento, e em construções nome núcleo - modificador com demonstrativos e artigos. As regras de concordância entre os modificadores de núcleo e as construções verbo- argumento apresentam diferenças significantes. A concordância em gênero nas construções verbo - argumento, marcadas com prefixos de referência verbal cruzada ou enclíticos, constituem uma parte do sistema complexo de marcação de pessoa, gênero e número, dependendo se a pessoa é especificada ou não. O sistema de classes nominais é sutilmente diferente do sistema dos classificadores, tanto formalmente, quanto semanticamente. Tanto os marcadores de classes nominais quanto os classificadores do Baniwa, constituem um sistema fechado, em virtude de ambos não aceitarem novos membros.(V. Aikhenvald, 1991), referente aos classificadores do Tariana, que também são usados como marcadores

de concordância em construções de nome núcleo - modificador constituindo uma classe aberta de elementos). Entretanto, eles compartilham alto grau de flexibilidade semântica, resultando várias possibilidades de reclassificação de um nome de acordo com a intenção de um falante, ou um aspecto particular do referente que está sendo focado. (V. 3.8)

4.2- *Classes Nominais e Classificadores - Características*

O Baniwa tem um sistema de 44 classes nominais e 44 classificadores. Os classificadores são: numerais, nominais, genitivos e verbais.

Dos 44 classificadores, 42 têm correspondentes classes nominais (Inventário: A-F) e dois morfemas são usados como classificadores numerais por excelência (Inventário: H). Das 44 classes nominais, 42 possuem classificadores correspondentes(Inventário: A-F) e dois não (Inventário:G). Morfologicamente, ambos as classes nominais e os classificadores são sufixos. A lista de classes nominais e classificadores é dada no Inventário. Tanto as classes quanto os classificadores indicam as seguintes oposições semânticas:

- a) feminino vs ñ feminino
- b) forma ou contorno: longo, vertical, curvilíneo, forma de folha, forma de banana
- c) função: instrumento

Vários classificadores possuem semânticas quantitativas como: pedaço, lado feixe ou cacho.

Existe um número de classificadores específicos: casa, excremento, rio, cachoeira.

Os classificadores e as classes nominais apresentam as seguintes peculiaridades:

- a) O marcador de classe é frequentemente derivado de um classificador com ajuda de um morfema adjetivizador [-y], ou feminino [ɲu] e ñ feminino [ri]
- b) Existe duas classes de concordância de plural com nenhum classificador correspondente.

Os classificadores específicos e os marcadores de classe de concordância frequentemente contém uma raiz do objeto ao qual estão se referindo. Exemplo:

[-da-pana] “casa”, cfe. [panti] “casa” ;

* [-hwe] “ovo”, cfe. [i-hwe] “ovo”

[ya] “pele”, cfe. [i-ya] “pele”. Isto reflete a possível origem desses classificadores a partir do fenômeno de repetição. (Cf. Craig, no prelo).

4.3- Classes Nominais do Baniwa

A concordância em classes nominais é obrigatória em construções de nome núcleo - modificadores, com modificadores adjetivais. Os modificadores adjetivais incluem adjetivos qualitativos e interrogativos, ex.: (1) e (2) e formas verbais relativizadas, semelhantes a participios, ex.: (3) e (4).

(1) maka -khay umawari i -jua ne:ni
grande-CLs:CURV cobra Ps IND-estar deitado lá
 “Uma grande cobra está deitada/estendida lá”

(2) kwamapi paži-tuki pi-pedzu-pha-ri
INT-CLs:PLANA prato-DIM 2sg-gostar-INT-REL
 “ Qual pratinho que você gosta mais? ”

(3) waɣaya ka-dana-darɣi
cesto REL-pintar/esvrever-CLs:GEN
 “um cesto pintado”

(4) kaɣapi ma-dana:pi
prato NEG-pintar/escrever-CLs:PLANA
 “um prato não pintado”

Alguns dos marcadores de classe nominal (Inventário: A-G) contém um morfema adjetivizador específico (-y). O marcador de classe nominal genérica, também utilizado como marcador para nomes animados ñ femininos e seus atributos (-da-ri), é derivado do CLf genérico correspondente (-da) com ajuda do marcador adjetivizador ñ feminino (-ri). O marcador de classe nominal do feminino (-da-ɽu) é derivado do CLf genérico (-da) com ajuda do sufixo (-ɽu). Os mesmos afixos, isto é (-ri) para ñ feminino e (-ɽu) para o feminino são encontrados em classes nominais que se referem a criaturas que voam (Tabela 1: C, Cls 20,21).

Esses afixos são também utilizados para marcar oposição feminino - ñ feminino em nominalizações. Os morfemas de classe nominal com significado quantitativo (Inventário: E) às vezes também contém morfemas adjetivadores (-ri) para distingui-lo de um classificador correspondente. O exemplo (5) mostra o uso do Clf (-ima) e do marcador de classe nominal (-ima-ri), com o significado de quantificação “lado”.

(5) apema	nukapi	makemaji
apa-ima	nu-kapi	maka-imaɽi
<i>um-CLf:LADO</i>	<i>1sg-mão</i>	<i>grande-CLs:LADO</i>
“O lado da minha mão é grande”		

Baniwa possui duas classes nominais de concordância em plural (Tabela 1: G). A classe nominal de plural com marcador (-pezi) inclui nomes no plural, ex. (6) e nomes no coletivo, ex. (7). O uso de (-pezi) com referência a um conjunto de objetos (feixe), é mostrado no ex. (8).

(6) Ji-dzu	matɽia-pezi
<i>3sgnf-pena</i>	<i>boa/bonita-PL:COL</i>
“penas bonitas”	

(7) *tʃikure* *yapi-peʒi*
cabelo *longo-PL:COL*
 “cabelo longo”

(8) *apa-naki* *lapi* *matʃia-peʒi*
um-CLf:FEIXE *lápiz* *bonito-PL:COL*
 “um feixe de lápis bonitos”

Há uma distinção entre (plural coletivo/ -peʒi) com marcador de concordância e (plural ã coletivo/ -pe). Este último não é um classificador e pode opcionalmente aparecer tanto no núcleo quanto no modificador, ex. (9). Os exemplos (9) e (10) ilustram uma oposição entre plural singulativo (9) *haikuthe-pe* “várias frutas” e plural coletivo (10) *haikuthe* “fruta como um nome coletivo”.

(9) *haiku-the(-pe)* *maka-dari-pe*
árvore/frutas-AFF-(PL) *grande-CLs:GEN-PL*
 “várias frutas grandes”

(10) *haiku-the* *matʃia-peʒi*
árvores/frutas-PART *bonita-PL:COL*
 “fruta boa” (como um todo)

Para nomes animados e seus atributos o marcador de plural (-peni) é preferido, como está mostrado nos exemplos (11) e (12)

(11) *dzawithipa* *matʃia-peni*
pegada de onça *bonita-PL:AN*

“belas pegadas de onça”

(marca das pegadas da onça como se fosse um ornamento)

- (12) *dzawi-nai* *matjia-peni*
onça-PL *bonita-PL:AN*
 “onças bonitas”

- (13) *ne:eni Ji-nu* *hJia* *apa-ita* *iñaimi* *maka-ne*
aqui 3sgnf-vir *ele* *um-CLf:AN* *demônio* *grande-CLs:VERT*
 “então veio (exatamente) esse grande/alto diabo

Diferentes Classes nominais e classificadores podem ser usados dentro da mesma locução nominal, como ex. (8). Aqui o Clf do tipo quantificador (-naki) “feixe” é utilizado no numeral, enquanto que o marcador de concordância plural (-pezi) aparece no adjetivo. Em (13), o Clf animado genérico (-ita) é utilizado no numeral (apa) “um” e um marcador de classe de contorno referindo-se ao nome núcleo (-ne) “vertical” é usado no adjetivo. Por outro lado, dois Clf diferentes nunca podem se referir ao mesmo nome núcleo na mesma locução nominal. Tais exemplos como (8) e (13) confirmam o caráter independente de Classificadores e Classes Nominais em Baniwa.

4.4- *Classificadores do Baniwa*

Os classificadores em Baniwa combinam os seguintes usos protótipos: Clf numerais; Clf nominais; Clf genitivos e Clf verbais. Eles também são usados anaforicamente como um recurso de recuperação de referente no discurso. Os Clf numerais figuram obrigatoriamente nas construções com números cardinais simples de um a três, e também

com números compostos. Essas expressões numéricas com seus classificadores sempre precedem o nome núcleo na locução nominal. Ex.:(14)e (15).

- (14) *apa-kha* *a:pi*
ũm-CLf:CURV *cobra*
 “uma cobra”

- (15) *dzama-da* *hipa-da*
dois-CLf:REDONDO *pedra-CLf:REDONDO*
 “duas pedras”

O número quatro é uma forma verbal que significa “ser suficiente” ou “basta”.

Neste caso, a concordância com classificador é obrigatória e pode ser considerado um caso de classificador verbal incorporado. Ex.: (16)

- (16) *Ji-kwa-kha-ka* *a:pi*
3sgnf- basta-CLf:CURV-DECL *cobra*
 “quatro cobras”

Os classificadores genitivos são obrigatoriamente usados em construções possessivas sem núcleo, como no exemplo (17).

- (17) *hJie* *tfinu* *nu-dza-da*
DEM *cão* *1sg-POSS-CLf:REDONDO*
 “este cão é meu”

Os classificadores verbais incorporados são usados em a) frases passivas, b) frases relativas e c) frases intencionais. Eles marcam a concordância com o sujeito

intransitivo derivado de passivas, e com objetos diretos como constituintes coreferenciais de orações relativas e intencionais. A concordância de Clf é obrigatória em orações passivas como é mostrado no exemplo (18).

- (18) *bulafa* *na-i3a-ni-ta-mi*
bolacha *3pl-consumir-PASSIVO-CLf:AN-PASS*
 “bolachas foram comidas” (têm sido)

A concordância nos classificadores verbais incorporados não é obrigatória nas frases relativas e intencionais. Isto depende do papel do nome núcleo no discurso. Os parâmetros seguintes envolvem a) o funcionamento do nome núcleo como foco do discurso, b) definição de referente. O exemplo (19) ilustra o uso de um Clf verbal incorporado numa frase intencional. O Clf é usado para marcar a concordância com um referente localizado em (19). No exemplo (20) O Clf verbal incorporado não é usado com a forma verbal intencional, uma vez que o referente do constituinte objeto é indefinido.

- (19) *wa-tua* *wa-takha* *puapua* *wa-dzekata-kazu-pa*
1pl-ir-FUT *1pl-cortar* *arumã* *1pl-fazer-PROP-CLf:VARA*
 “nós iremos cortar arumã para usá-la” (fazer cestos, etc.)
- 20) *pezi ri-uhwa* *rka* *awakada-riku* *ri-kapa-kazu* *kwaka*
falcão *3sgnf-sentar* *3sgnf-ver* *arbusto-LOC* *3sgnf-PROP* *que/quem*
i-nu-ri *i-khare*
ps ind-chegar-REL *ps ind-em direção de*

“ O falcão estava sentado no arbusto olhando na direção de quem estivesse chegando”

O uso de um Clf em frases relativas é ilustrado no exemplo (21), onde ele é usado para focalizar o nome núcleo definido. (a:pi) “cobra”. Em (22), o nome núcleo está indefinido e não está focalizado, portanto o Clf não é usado.

- (21) *a:pi* *nu-inua-ri-kha* *awakada-riku*

cobra *1sg-matar-REL-CLf:CURV* *mato/arbusto-LOC*

“a cobra(aquela)que eu matei está lá no mato”

(22) a:pi nu-inua-ri awakada-riku

cobra *1sg-matar-REL* *mato/arbusto-LOC*

“uma cobra(qualquer) que eu matei está no mato”

Os classificadores também são amplamente empregados como sufixos derivacionais. Exs.: (23), (24), (25). Nos exemplos (26), (27) e (28) eles aparecem em nominalizações.

(23) ha:e-kwa

branco-CLf:ESPAÇO LIMITADO

“clareira”

(24) i-thi-da

ps ind-olho-CLf:REDONDO

“olho”

(25) i-thi-maka

ps ind-olho-CLf:TECIDO EXTENDIDO

“pálpebra”

(26) Ji-nua-ka-ita

3sgnf-matar-DECL-CLf:AN

“matador”

(27) wa-ihña-kazu-dapana

1pl-comer-PROP-CLf:CASA

“nossa casa para comer”

É interessante observar que a “casa para comer” leva a marcação de 1pl, uma vez que realmente o povo faz sua alimentação em grupo, no mesmo local, dividindo tudo o que há para comer.

(28) ʔwa-hweta-kazu-dapana

1pl-descansar-PROP-CLf:CASA

“casa de descanso” (construídas nas proximidades das roças)

O afixo derivacional usado com um nome derivado pode não coincidir com o

Clf. É o caso dos exemplos (29) e (30)

(29) apa-pha zu-thi-maka

um-CLf:ESPAÇO 3sgf-olho-CLf:TECIDO EXTENDIDO

“uma pálpebra”

(30) karita-phi maka-nhay

lago-CLf:ESPAÇO grande-CLf:LÍQUIDO

“lago grande”

O uso anafórico dos Clf é mostrado nos exemplos de (31) a (33).

(31) afa wa-dzekata pi-ʃiu tsetu na-dzekata apa-ita i-dzekata

vamos 1pl-fazer 2sg-para cesto 3pl-fazer um-CLf:AN ps ind-fazer

dzama-da apa-ita i-dzekata dzama-da

dois-CLf:REDONDO um-CLf:AN ps ind-fazer dois-CLf:REDONDO

“Vamos fazer cesto. Eles fazem. Um faz dois(cestos) e outro faz dois(cestos)”

(32) khedza-tsa (a)pa-ita i-taita-pidapa-da dúzia

rápido-ENF um-CLf:AN ps ind-acabar-PARTum-CLf:REDONDO dúzia

“um(homem) terminou rapidamente uma dúzia de cestos”

(33) ñame Ji-uma Ji-dana-ka nu-hJiu-ni-tsa

não 3sgnf-querer 3sgnf-escrever-DECL 1sg-para-3sgnfO-ENF

aphewi

um-CLf:PONTUDO

“ não quer escrever(a caneta), eu tenho outra”

Os classificadores também são comumente usados para recuperar o referente, em sua maior parte elíptico, em diferentes discursos do Baniwa.

O uso anafórico dos Clf é um tanto quanto que gramaticalizado em numerais compostos, isto é de seis em diante. Ex.: (34).

(34) apa-ita newiki apa-ita-naku-hJe tJinu

um-CLf:AN

pessoa

um-CL:AN-LOC-DIR

cão

“vinte cães estão ali”

Uma observação deve ser feita com relação à composição do número **vinte** em Baniwa: A idéia está ligada à soma dos dedos do ser humano/pessoa [**newiki**], ou seja, os dez dedos das mãos e os dez dedos do pé

Como está mostrado na (Tabela 1: H), dois afixos (-i) “feixe” e (itJia) “feixe/cacho de fruta pequena, são usados apenas em expressões numéricas. Eles podem ser considerados Clf numerais por excelência.

4.5- *Marcadores de Referência Cruzada*

O Baniwa possui prefixos de referência cruzada que são usados para marcar a) o sujeito de um verbo transitivo(A), b) sujeito de um verbo intransitivo ativo(Sa), c) possuidor nas locuções nominais genitivas, d) argumento de adposições.

Também possui enclíticos de referência cruzada que marcam a) sujeito de um verbo intransitivo estativo(So), b) objeto direto de um verbo transitivo (o). Para marcar constituintes topicalizados ou enfatizados em papéis centrais, são usados pronomes independentes. Os pronomes de 3ps podem ser utilizados na função de demonstrativos próximos e artigos definidos.

Morfologicamente, os pronomes pessoais independentes são derivados de prefixos de referência cruzada com ajuda de um formativo demonstrativo (-ha), e matátese subsequente de uma fricativa glotal em fronteira de morfema como é exemplificado abaixo:

nu-	+	-ha	hnua
1sg		DEM	eu
pi-	+	-ha	phia
2sg		DEM	tu(2sg)

Os prefixos de referência cruzada, os enclíticos e os pronomes independentes, apresentam distinção de gênero na 3ps, conforme tabela abaixo:

Prefixos de referência cruzada

Pessoa Especificada

	sg	pl
1p	nu-	wa-
2p	pi-	i-
3pnf	Ji/ri-	na-
3pf	ju-	na-

Enclíticos de referência cruzada

	sg	pl
1p	-hnua	-hwa
2p	-phia	-ihia
3pnf	-ni	hna
3pf	-nu	hna

Pronomes independentes de referência cruzada

	sg	pl
1p	hnua	hwa
2p	phia	ihia
3pnf	hJia	hna
3pf	ʃua	hna

Exemplos de concordância de gênero em construções predicado-argumento e com frases adposicionais aparecem nos exemplos a seguir:

(35) pida ri-aku itʃida

PART 3sgnf-falar tartaruga

“então falou a tartaruga”

(36) na-de-pida ri-ʃiu pana-phe

3pl-trazer-PART 3sgnf-para folha-CLf:PLANTA/FOLHA

“então eles trouxeram folhas para ele”

- (37) hnetepida ri-kantu-ni
PART 3sgnf-canto-POSS
 “eis o canto da tartaruga”

- (38) Ju-dia Ju-pana-iku ſua phitſi
3sgf-voltar 3sf-casa-LOC ela cotia
 “ela(mulher) voltou da casa daquela cotia)

4.6-Concordância de Gênero em Construções Nome Núcleo-Modificador

Em construções núcleo/modificador a concordância de gênero é obrigatória para demonstrativos e pronomes pessoais de 3sg, utilizadas com modificadores.

Tanto os pronomes de 3ps quanto os modificadores são usados como demonstrativos próximos, ou como de maneira semelhante a artigos definidos.

Exemplos (38) e (39).

- (39) hJia panti na-deni-ni-dapana-tsa nu-ketſini yaka Ji-ema
ela casa 3pl-fazer-PASS-CLf:CASA-ENF 1sg-amigo longe 3sgnf-descansar
 “a casa de descanso(perto da roça) que foi feita por meu amigo é longe daqui”

Pronomes Demonstrativos Distantes

3sgnf	3sgf
hJiat-hã	ſwatahã

4.7 - Marcadores de Gênero em Derivação

A oposição de gênero é também marcada em um certo número de nomes derivados e em nominalizações. Os afixos mais frequentes de marcação de gênero são [r i] ñ feminino e [ɽu] feminino. Conforme o que foi dito sobre eles como marcadores de classe nominal. Por exemplo:

[nupheɾi] “meu irmão mais velho”

[nupheɽu] “minha irmã mais velha”

[ri] ñ feminino

[dua] feminino, por exemplo:

[nudakeɾi] “meu neto”

[nudakedua] “minha neta”

[0] ñ feminino

[dua] feminino, por exemplo:

[nu-kitʃini] “meu amigo” ou “primo”

[nu-kitʃin(i)-dua] “minha amiga ou “prima”

Os sufixos [ri] ñ feminino e [ɽu] feminino, são também usados para marcar a concordância entre predicado de uma frase relativa e seu sujeito, cfe. exemplo:

- (40) atse i-nua-rhã i-kahne-ka-nai
 aqui ps ind-matar-REL:nf-ENF 2pl-REL-conhecer-DECL-PL
 “aqui está aquele(ã feminino) que matou seus conhecidos”

4.8-Reclassificação e Semântica dos Classificadores

A flexibilidade semântica tanto das classes nominais quanto dos classificadores é uma característica marcante da língua Baniwa. O nome pode ser associado com mais de um classificador ou classe nominal de acordo com o aspecto semântico do referente que o falante quer ressaltar, ou de acordo com a semântica de um modificador. Cfe. ex.:

- (41) apa-ita i-ñapi
 um-CLf:AN ps ind-osso
 “um osso” (como atributo do corpo humano)
- (42) apa-da i-ñapi
 um-CLf:GENÉRICO/REDONDO ps ind-osso
 “um osso” (como um objeto em geral)
- (43) apa-na i-ñapi maka-ne
 um-CLf:VERT ps ind-osso grande-CLs:VERT
 “um osso” (com um osso da perna/longo vertical)
- (44) apa-pi i-ñapi maka-pi
 um-CLf:LONGO ps ind-osso grande-CLs:LONGO
 “um osso” (como o osso que a tartaruga usou para fazer cachimbo)

- (45) *aphewi* *i-ñapi*
apa-hiwi
um-CLf:FINO *ps ind-osso*
 “um osso” (usado como uma flauta)

- (46) *inipu* *maka-peki*
caminho *grande-CLs:EXTENSA/LARGA*
 “caminho extenso e largo”

- (47) *inipu* *maka-khay*
caminho *grande-CLs:CURV*
 “caminho grande e sinuoso”

A classe nominal genérica e o classificador ñ marcado genérico, que também é usado para objetos redondos é preferido em contextos neutros. Quando um aspecto especial do nome núcleo deve ser ressaltado, usa-se então um classificador mais específico. No exemplo (48) abaixo o classificador genérico é utilizado referindo-se a “um dia qualquer”. No exemplo (49) o classificador [wari] “ciclo de tempo” é utilizado referindo-se a o que aconteceu durante “três dias”(quando a bruxa estava esperando que as crianças fossem a sua casa)

- (48) *apa-da* *hekwapi* *apa-ita* *tʃiãri* *ri-a* *ri-uma*
um-CLf:GEN dia *um-CLf:AN homem* *3sgnf-ir* *3sgnf-querer*
ri-tu uka-wa
3sgnf-caçar-PROP
 “um dia(qualquer) um homem quis ir caçar”

- (49) *madari-wari* *hekwapi-na nu-wapa-ka-hia*
três-CLf:CICLO *dia-LOC* *1sg-esperar-DECL-2plo*

“eu estava esperando por você durante três dias inteiros”

Muito frequentemente o uso do classificador é determinado pelas características semânticas do adjetivo. Por exemplo, o adjetivo [hwuiwi] “saboroso” pode referir-se somente à substância, e leva o afixo de classe nominal de coletivo [-pezi], quando se refere à “água” [uni]. O adjetivo de dimensão [maka] “grande”, normalmente levará o marcador de classe nominal referente a contorno ou forma, como é exemplificado abaixo:

(50) uni hwuiwi-pezi
 água *saborosa-CLs:COL*
 “água saborosa”

(51) uni maka-peki
 água/rio *grande-CLs:EXT*
 “grande rio”

Os adjetivos de cor tendem a ser usados com os marcadores de classe genéricos (animado, inanimado, classe de objetos redondos, ou classe de plural coletivo). Os adjetivos de dimensão não tendem a ser usados com marcadores de classe que se referem a forma ou contorno de um nome núcleo, conforme os seguintes exemplos:

(52) iziña-da hipure-dari
 corda-CLf:GEN *verde-CLs:GEN*
 “corda verde”

(53) wadzuri ita-ite
 urubu *preto-CLs:AN*
 “abutre preto”

- (54) *iziña-da* *maka-khay*
corda-CLf:GEN *grande-CLs:CURV*
 “corda grande/comprida e sinuosa”

- (55) *wadzuri* *maka-paji*
urubu *grande-CLs:VOADORES*
 “urubu grande”

A forma como os falantes nativos escolhem os classificadores e os marcadores de classe nominal é mais semelhante à escolha de um sinônimo para um item lexical, do que a aplicação de uma regra gramatical rígida de concordância. Os exemplos a seguir, coletados a partir da narração da mesma história contada por dois informantes diferentes [sobrinha(1991) e tio(1994)] ilustram o uso de diferentes marcadores de classe nominal para o mesmo referente: “grandes pálpebras de uma bruxa”. Esses exemplos mostram também o caráter opcional dos classificadores como afixos derivacionais.

- (56) *ɟu-thi* *maka-ya*
3sgf-olho *grande-CLs:PELE*
 “pálpebra do olho dela é grande”

- (57) *ɟu-thi-maka* *maka-phay*
3sgf-olho-CLf:TECIDO *grande-CLs:PLANA*
 “pálpebra do olho dela é grande”

4.9-Inventário das Classes Nominais e Classificadores do Baniwa-Hohodene

A- animado, feminino, ã feminino, atributo humano, partes do corpo:

- [1] Clf: -ita (animado ã feminino, atributo humano, parte do corpo)
Cls: ita+y>ite

Ex.: (58) apa-ita nukapi matjiaite “minha mão bonita”

(59) apa-ita bulaſa makaite “uma bolacha grande”

(60) apa-ita tſinu matjiaite “um cachorro bonito”

(61) apaita tſiari maka-da-ri “um homem grande”

- [2] Clf: -hipa (ã feminino, animado, humano)
Cls: ita+Y>ite

(62) aphepa atſiãri Khedzakuete “um homem forte”

- [3] Clf: -ma
Cls: -da-ɽu

(63) apa-ma inaɽu matjia-da-ɽu “mulher bonita”

B- Forma e contorno

[4] Clf: -api (objetos com grande cavidade, ocos)

Cls: -api

(64) apa:pi tʃipaɾa:pi “uma panela”

[5] Clf: -aphi (espaço limitado)

Cls: -aphi

(65) apa:phi kiniki “uma roça”

[6] Clf: -apu (objeto longo e fino, vara)

Cls: -apu

(66) apa:pu dzawithyapu “um arco”

[7] Clf: -da (objetos redondos, genérico)

Cls: -daɾi

(67) apa-da dzeka-da maka-daɾi “uma bola de plástico grande”

[8] Clf: hiku (objeto pontudo e longo, flauta, garrafa)

Cls: hiku

(68) apheku pheruma “uma flauta”

[9] Clf: -hiwi (objetos finos)
Cls: -hiwi

(69) aphewi caneta “uma caneta”

[10] Clf: -iʃi (objetos pequenos com grãos,sementes)
Cls: -iʃi

(70) apeʃi pipeʃi “uma frutinha de palmeira”

[11] Clf: -ku (peças de tecido)
Cls: -ku,ki

(71) apaku piete “uma rede”

(72) apaku enikaɣya “uma palha de milho”

[12] Clf: -kwa (plano, redondo, extendido)
Cls: -kwe

(73) apa-kwa medza matʃiakwe “uma mesa bonita”

[13] Clf: -kha (objeto curvilinear)
Cls: -Khay

(74) apa-kha a:pi maka-khay “uma cobra grande”

- [14] Clf: -na (objeto vertical)
Cls: -ne

(75) apa-na haiku maka-ne “uma árvore grande”
- [15] Clf: -pi (flauta grande, mês/tempo decorrido)
Cls: -pi

(76) apa-pi iapurutu “uma flauta”
- [16] Clf: -phe (obj. planos que podem ser dobrados,
papel, pano)
Cls: -phe

(77) apaphe papeza “uma folha de papel”
- [17] Clf: -wa (pequenos buracos)
Cls: -wa

(78) apa-wa numawa “um buraco”
- [18] Clf: -o (pequenas cavidades, copo, colher)
Cls: -yari

(79) apa-o a:ta “um copo, xícara”
(80) apa-o kureya “uma colher”
- [19] Clf: -yawa (buraco, espaço aberto, porta, janela)
Cls: -yawa

(81) apa-wa pantinuma “uma porta da casa”

C- propriedades funcionais

- [20] Clf: - apa (animados voadores ñ feminino, objetos
semi-ovalados-banana/canoa)
Cls: - apa-ri
- (82) apa:pa pitizi maka:pa:ri “um morcego grande”
(83) apa:pa pa:ana “uma banana”
- [21] Clf: -apa (animados voadores femininos)
Cls: -apa-ju
- (84) apa:pa ka:aka maka:pa:ju “uma galinha grande”
- [22] Clf: -maka (peça de tecido)
Cls: -make
- (85) apa-maka tsaia matʃiamake “uma saia bonita”
- [23] Clf: - peku,peki (caminho, forma longa)
Cls: - peku peki

(86) apapeku inipu “um caminho”

D. estrutura

- [24] Clf: - ahna (líquidos)
 Cls: - ahnay
 (87) apa:hna kutjiaka “um chibé” (extraído da
 mandioca)

E- quantificadores

- [25] Clf: - hipada (pedaço)
 Cls: - hipada
 (88) aphepada pajahnepada makhepada “um pedaço
 grande de banana”
- [26] Clf: -ida (metade)
 Cls: -ida
 (89) apaida mawizu “um pedaço/uma metade de abacaxi”
- [27] Clf: - ima (um lado, uma parte)
 Cls: - ima-ri
 (90) apema nukapi makemai “um lado grande da
 minha mão”
- [28] Clf: - naku, naki (feixe de objetos finos, lápis, flor)

Cls: - naku, naki

(91) apa-naku lapi “um feixe de lápis”

[29] Clf: -pa (feixe, caixa)

Cls: -pa-ri

(92) apa-pa itsa maka-pa-ri “uma caixa de anzóis”

[30] Clf: -puku,-puki (feixe de objetos longos,largos)

Cls: -puku,-puki

(93) apapuki pa-ana “um cacho de bananas”

[31] Clf: -tawahJe (juntas, união)

Cls: -tawahJe

(94) apa-tawahJe nukaphiwida “a junta do meu dedo”

[32] Clf: -wari (ciclo de tempo)

Cls: -wari

(95) apa-wari hamuri “um ano”

[33] Clf: -wana (fatia fina)

Cls: -wane

(96) apa-wana kuphe makawane “uma fatia grande de peixe”

[34] Clf: -wata (um cacho de banana que ã está mais no pé)
Cls: -wate

(97) apawata parana makawate “um cacho de banana disponível”

F- classes específicas

[35] Clf: 0 (objetos ocios, canoa, quarto)
Cls: -a, -ari

(98) apa-0 ita maka:ri “uma canoa grande”

[36] Clf: -dapana (casa)
Cls: -dapana

(99) apa-dapana panti maka-dapana “uma casa grande”

[37] Clf: -ihwe (ovo, fruto de)
Cls: -ihwe

(100) aphewi karakihwe “um ovo da galinha”

[38] Clf: -hipani (cachoeira)

Cls: -hipani, da-ri

(101) aphepani hipa makhepani/maka-dari

“uma grande cachoeira”

[39] Clf: -pawa (rio grande)

Cls: -pawani

(102) apawa uni makapawani “um grande rio”(rio
Negro)

[40] Clf: -fa (excremento)

Cls: -fari

(103) apafa ifa makafa-ri “um grande excremento”

[41] Clf:-tuhwya (quarto)

Cls:-tuhwya

(104) apa-tuhwya makatuhwya “um quarto grande”

[42] Clf:-ya (pele)

Cls:-ya-ri

(105) apa-ya dzawiya matʃia-yari “uma bonita pele de onça”

G- classe plural

1. -pezi (coletivo inanimado)

(106) tʃikure yapi-pezi “cabelos longos”

2. -peni (animados e seus atributos)

(107) dzawithipa matʃia-peni “pegadas bonitas de onça”

H- quantificadores

1. -i (feixe, cacho)

(108) apa+i >ape pipizi “um cacho de pupunha”

2. -itʃia (cacho de frutas pequenas)

(109) apa+itʃia >apetʃia manakhe “um cacho de açaí”

Capítulo V - Conclusão

5.1- Considerações finais

Com relação ao sistema de classificação do Baniwa-Hohodene, podemos apontar as seguintes características básicas :

O Baniwa apresenta um sistema de 42 classificadores, conforme inventário e 44 classes nominais. Existem dois Clfs numerais por excelência que são utilizados apenas como expressão de quantidade. Tanto o sistema de classificadores quanto o das classes nominais do Baniwa, apesar de apresentarem um caráter fechado enquanto sistema são muito flexíveis permitindo várias possibilidades de reclassificação de um mesmo nome, dependendo ora da semântica de um modificador ora da intenção de um falante.

Esta propriedade coloca o sistema de classificação mais perto do léxico do que da gramática, já que, até mesmo dentro do mesmo dialeto ou às vezes dentro da mesma família, os informantes nem sempre usam o mesmo tipo de classificador.

Essa parece ser a peculiaridade maior da língua Baniwa, no que diz respeito à classificação nominal, comparada a classes nominais prototípicas, com sistemas gramaticais fechados, como por exemplo as línguas do oeste da África, conforme Craig a ser publicado.

As classes nominais são obrigatórias nas concordâncias de nome com modificador(adjetivo). Enquanto que a concordância com classificadores é obrigatória em construções de numerais e de genitivos. Os marcadores de classe também podem ser usados anaforicamente quando o nome núcleo é omitido.

Os classificadores que aparecem são os Clfs numerais, genitivos e verbais e são também utilizados como afixos relacionais e anafóricos no discurso .

Os classificadores e as classes nominais são semelhantes e não idênticos em sua semântica e marcação formal. Existe também uma classe nominal não marcada denominada genérica e um classificador genérico correspondente. A possibilidade de usar-se

um Clf diferente e um marcador de classe nominal diferente na mesma locução nominal confirma o caráter separado dos dois sistemas.

O Baniwa possui um sistema de oposição de gênero feminino vs ã feminino, restrita a marcação de referência cruzada, pronomes pessoais e demonstrativos.

Os marcadores de classe nominal e os classificadores em Baniwa possuem a mesma origem. Na maioria dos casos a diferença básica entre marcadores de classe nominal e classificadores é a presença de um morfema adjetivizador no primeiro. Exemplo.:

(113) apa-kha a:pi maka-kha-y
 um-CLf:CURV cobra grande-CLs-Adjetivizador

Além disso, o alto grau de flexibilidade semântica dos classificadores e das classes nominais, responsável pelas várias possibilidades de reclassificação dos nomes do Baniwa torna seu sistema de classificação notavelmente diferentes de outros sistemas, como por exemplo na língua Bantu, onde cada nome recebe um único classificador não aceitando outro em seu lugar.

Enfim o trabalho apresentado aqui não pretende ser exaustivo, como já havia sido mencionado, uma vez que as afirmações feitas podem ser revistas à medida em que aumentem os conhecimentos sobre o Baniwa. De qualquer forma temos a certeza de que esta dissertação contribuirá para o avanço dos estudos lingüísticos sobre as línguas indígenas brasileiras.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ADAM, L. & LECLERC (1880). **Arte de la Lingua de los Indios Baurés de la Provincia de los Mojos**. Paris
- ADELAAR, W. (1992) **Endangered languages of South America**. In: **Endangered Languages**. Mouton
- AIKHENVALD, A. Y. (1991) forthcoming. **Classe nominal e gênero nas Língua Aruak**. Ed. UFSC, Florianópolis, Brasil, no prelo
- _____. (1993) mss **Classifiers in Tariana**
- _____. in prep. **A Grammar of Baniwa of Içana**
- ALLAN, K. (1977) **Classifiers**, *Language* 53:284-310
- ALPHER, B. (1987) **Feminine as the Unmarked Grammatical Gender: Buffalo Girls Are No Fools** In: **Australian journal of Linguistics**, 7:169-187
- ANDERSON, S. R. (1992) **A-Morphous Morphology**. Cambridge University Press
- ANGENOT, FRANÇA & MARTINS (1992) **Um processode matátese no complexo Baniwa/Kuripako subgrupo Arawak do rio Negro: análise sincrônica e diacrônica**. Florianópolis, UFSC, (mimeo)
- BARROW, M. & C. A. Ferguson (1988), ed. **Agreement in natural language**. Stanford: CSLI
- BARNES, J. **Classifiers in Tuyuca**. In: PAYNE, D. L. (ed.) **Amazonian Linguistics Studies in Lowland South American Indian Languages**, University of Texas Press: Austin, p. 273-292, 1990.

BARZ,R.K.& A.V.N.Diller(1985) Classifiers and standartizacion: Some South and South-East Asia Comparisons .In: **D.Bradley ed. Papers in South-East Asian Linguistics no 9: Language policy, language planning and sociolinguistics in South-East Asia,155-184.Pacific Linguistics,A-67**

BISANG, W.(1993) Classifiers,Quantifiers and Class Nouns In: Hmong, In: **Studies in Language 17-1,1-51**

BULLER B.,E.Buller & D.L. Everett(1993) Stress Placement Syllable Structure and Minimality in Banawá. In: **International Journal of american linguistics Conference,Eugena: University of Oregon**

CARLSON,R. & PAYNE D.(1989) Genetive classifiers, In: **Proceedings of the 4th Annual Pacific Linguistics Conference, Eugene:University of Oregon**

CHAPMAN,S. & DERBYSHIRE,D.(1991)Paumari, In: **Derbyshire & Pullum eds. Handbook of Amazonian Languages, v.3,Mouton-de-Gruyter: Berlim pp.**

CORBETT,G. (1991) **Gender**.Cambridge University Press

CRAIG, G.(1986a) Noun Classes and Categorization.Typological Studies In: **Language vol 7, Amsterdam,John Benjamins**

_____.(1986b) Jacalteco noun classifiers: A study in Language and Culture. In: **Craig 263-294**

_____.(1990)**Chibchan nominal classification**,paper presented at AA

_____.(1992) Classifiers in a Functional Perspective In: **M Fortescue et alii ed.Layered Structure and Reference in a Funcional Perspective, Amsterdam/Philadelphia Jonh Benjamins,277-301**

_____ to appear Classifiers .In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics. Pergamon Press and Aberdeen University Press**

DENNY,J.P.(1976) What Noun Classifiers good for? In:**Chigago Linguistic Society, 12:122-132**

_____ & C.A. Creider (1986) Semantics of Noun Classes in Proto-Bantu In: **C.Craig ed:217-240**

- DELANCEY, S. (1986) Towards a history of Thai classifiers System, In: **Craig ed.**:437-452
- DERBYSHIRE D. & PAYNE, Doris L. (1990) Noun classification Systems of Amazonian Languages, In: **Doris L. Payne ed. Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Indian Languages**, University of Texas Press: Austin, pp. 243-272
- DIXON, R.M.W. (1982) **Where Have All the Adjectives Gone? and other essays in semantics and syntax**, Mouton
- _____ (1986) Noun Classes and noun classification in Typological Perspective, In: **Craig ed.**:105-112
- FRANÇA, Maria Cristina V. (1993) **Fonologia Sincrônica e Diacrônica do Baniwa-Siusí - Um Tratamento não Linear**. UFSC, Departamento de pós-graduação em Letras e Linguística. Santa Catarina, Brasil
- GONÇALVES, C.H.R.C. (1987) **Concordância em Munduruku**. Campinas: Editora da Unicamp
- GREEN, D. & GREEN, H. (1972) **Surface Grammar of Palikur** SIL: Brasília
- GREENBERG, J.H. (1960) The General Classification of Central and South American Languages. In: **A. Wallace ed.: Men Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropological Sciences 1956**. University of Pennsylvania Press: 791-7794
- _____ (1963) Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful elements. In: **Universals of Language**. ed. J.H. Greenberg: MIT Press: 73-113
- _____ (1987) **Language in the Americas**. Stanford University Press
- HARVEY, M. (1987). **The Waray Language from Adelaide River** MA Thesis, ANU: Canberra
- HOLMQUIST, J.C. (1991) Semantic Features and Gender Dynamics in Cantabrian Spanish, In: **Anthropological Linguistics** 33, 1: 57-81
- KAUFMANN, T&B. Berlin (org.) **South American Indian Languages Documentation Project Questionnaire**

- LAKOFF,G. (1986) Classifiers as a Reflection of Mind, In: **C.Craig** ed.:13-54
- LICHTENBERK,F.(1983) Relational Classifiers. In: **Lingua 60**:147-174
- LOUKOTKA, C.(1935) Classificacion de Las Linguas Sudamericanas. In: **Linguística Sudamericana**,nº1,Prague
- _____.(1968) **Classification of South American Indian Languages**. University of California, Los Angeles
- MALONE,T. (1991) Chimila:Chibchan,Chocoan, Carib, Arawakan?,paper 47 In: **Congresso dos Americanistas**, New Orleans
- MASON, J.A.(1950)The Languages of South American Indians. In: **Handbook of South American Indians**.v.6:157-317
- MATTOSO CÂMARA,J.(1977) **Introdução as Línguas Indígenas brasileiras**. ed. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro
- MELLO, A (1991) **Pequeno Vocabulário do Baniwa do Içana**. (mimeo)
- NIMUENDAJU,C. (1955) **Reconhecimento dos Rios Içana,Ayarie e Uaupés, março a julho de 1927**. Apontamentos Linguísticos (2a. parte)
- _____.(1982) **Textos Indigenistas**. São Paulo:ed. Loyola
- NOBLE,G.K. (1965) **Proto-Arawakan and its descendants**. IJAL 31.3,p11
- PAYNE, David L.(1991) A Classificacion of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. In: **Derbyshire and Pullum eds. Handbook of Amazonian Languages**, Mouton- de Gruyter, v.3
- PAYNE,Doris L.(1987) Noun Classificacion in the WestAmazon,Linguistics Sciences 9:21-44(special issue) In: **Comparative Linguistics of South American Indian Languages**, edited by Mary Ritchie Key
- _____.(1990) **The Pragmatics of Word Order.Typological Dimensions of Verb Initial Languages**. Mouton de Gruyter.
- MITHUN,M. (1984) **The Evolution of Noun Incorporation** , Language 60:847-894
- _____.(1986) The Convergence of Noun Classification systems , In: **Craig** ed.:379-398

RIVET, P. (1924) Langues de L'Amérique du Sud et des Antilles. ed. A.Meillet et M. Cohen **Les Langues du Monde**. Paris: 639-712

RIVET P. & R. de Wavrin (1952) Les Indiens Parawgwan, **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, 41(2): 235-8

RODRIGUES, A.D. (1970) Línguas Ameríndias. **Enciclopédia Delta Larousse**, Delta, Rio de Janeiro: 4034-4036

_____. (1986) Línguas Brasileiras, **Para o conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo, ed. Loyola

_____. (1990) Comments on Greenberg's Language in the Americas from South American angle, paper at **Conference on Greenberg's Classification of American Languages**. Boulder, Colorado

_____. (1992) Diversidade Linguística na Amazônia. In: **Seminário Internacional sobre Meio Ambiente, Pobreza e Desenvolvimento da Amazônia-SIMDAMAZÔNIA**. Anais, Belém: PRODEPA

SEKI, L. (1991) **História e Conhecimento dos Povos do Parque Indígena do Xingu**. Projeto Integrado de Pesquisa: CNPq/Fapesp

TAYLOR, G. (1961) Review of *Algumas Equações Fonéticas em Arawakan* by Robert Shafer, In: **IJAL** 27: 273-278

_____. (1991) **Introdução a Língua Baniwa do Içana** da Unicamp

TELES, Iara Maria (1995) **Atualização Fonética da Proeminência Acentual em Baniwa-Hohodene: Parâmetros Físicos**. UFSC/ Pós-Graduação em Letras/Linguística, tese de doutorado, Santa Catarina, Brasil

VALENTI, D. (1986) **A Reconstruction of the Proto-Arawakan Consonantal System**. University of New York: tese de doutorado.

WALLACE, A.R. (1853) **A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro**. London-New York

WILSON, P.J. (1992) **Gramática del Achagua (Arawak)** Instituto Lingüístico del Verano: Colombia

WORSLEY, p.m. (1954) **Noun-classification in Australian and Bantu: Formal or Semantic?** Oceania, vol. XXIV, N°4: 275-288

ZALIZNIAK, A.A. (1967) **Russian Nominal Inflection (Russkoje imennoje slovoizmenenije)** Moscow: Nauka

ZUBIN, D. & K. M. KÖPCKE (1986). **Gender and Folk Taxonomy: The Indexical Relation Between Grammatical and Lexical Categorization**, In: Craig ed.: 139-180